



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (PPGEL)
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (MEL)

CLAUDICE FERREIRA SANTOS

ESTUDO DAS COLOCAÇÕES DE BASE VERBAL NO LIVRO MANUSCRITOS
BAIANOS DOS SÉCULOS XVIII AO XX: AUTOS DE DEFLORAMENTO

Feira de Santana-BA
2021

CLAUDICE FERREIRA SANTOS

**ESTUDO DAS COLOCAÇÕES DE BASE VERBAL NO LIVRO MANUSCRITOS
BAIANOS DOS SÉCULOS XVIII AO XX: AUTOS DE DEFLORAMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita de Cassia Ribeiro de Queiroz.

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Santos, Claudice Ferreira
S234e Estudo das colocações de base verbal no livro Manuscritos baianos dos séculos XVIII a XX: Autos de defloramento/ Claudice Ferreira Santos . - 2021.
99f.: il.

Orientadora: Rita de Cassia Ribeiro de Queiroz

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2021.

1. Colocações de base verbal. 2. Unidades fraseológicas da Língua de especialidade. 3. Autos de defloramento. I. Queiroz, Rita de Cassia Ribeiro de, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 806.90

CLAUDICE FERREIRA SANTOS

**ESTUDO DAS COLOCAÇÕES DE BASE VERBAL NO LIVRO MANUSCRITOS
BAIANOS DOS SÉCULOS XVIII AO XX: AUTOS DE DEFLORAMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cassia Ribeiro de Queiroz.

Aprovada em: 22/02/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cassia Ribeiro de Queiroz
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)



Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Prof^ª. Dr^ª. Huda da Silva Santiago
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Às minhas avós, Maria de Lourdes e Irene Maria (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Deus, por nunca me desamparar.

Aos meus pais: Roque Silva Santos e Maria Nete Silva Ferreira Santos, que sempre acreditaram e me incentivaram.

A meus irmãos, pelo apoio. Em especial, José Carlos.

A Eduardo Andrade, pela compreensão.

À minha orientadora, Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz, pelo incentivo, pela compreensão, caminhada, passeios, risadas e amizade. Obrigada, Rita, por tudo que fez por mim desde a graduação, por nunca menosprezar o conhecimento dos que estão ao seu redor. Você é um ser com um conhecimento tão grande e ao mesmo tempo uma pessoa simples, isso é uma das coisas que mais me encanta em você. Agradeço, pelas leituras indicadas, pelos conselhos, pelos encontros no NEMA, pela dedicação e por tantas outras coisas que neste momento me faltam palavras para expressar o quanto sou grata a você. Obrigada por tudo!

À minha amiga, Daianna Quelle da Silva Santos da Silva, pela disponibilidade, pelas palavras de apoio, conselhos e carinho.

A Elias da Souza Santos, pela disponibilidade, paciência e ajuda com o programa.

A Josimar, vulgo Mar, pelas conversas e desabafos.

Ao NEMA, por todos esses anos e pelas convivências.

À UEFS, pela oportunidade e por me propor tantas oportunidades.

Por fim, agradeço imensamente a todos que, de diretamente ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Em muitas regiões e culturas acredita-se que foi a linguagem que ordenou o caos primitivo transformando-o num cosmos significativo. Cada cultura foi ordenando, a seu modo, o caos primevo através de seus mitos. A palavra assume assim nos mitos de cada cultura uma força transcendental; nela deitam as raízes os entes e os acontecimentos. Por ser mágica, cabalística, sagrada, a palavra tende a construir uma realidade dotada de poder. Os mitos falam os segredos e das essências escondidas na palavra do universo (BIDERMAN, 1998, p. 81).

RESUMO

A presente dissertação é o desenlace do estudo das Unidades Fraseológicas, exclusivamente, das colocações de base verbal, no livro: *Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX: Autos de defloramento*. No livro consta a edição semdiplomática de seis autos de defloramento, sob a organização da Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz. Faz parte desta dissertação a descrição do *corpus*, o uso da ferramenta computacional *AntConc*, utilizada para o levantamento e seleção das UFs, e o glossário com as Unidades Fraseológicas da língua de especialidade constante no *corpus*. A seleção e a coleta dessas foram realizadas com o auxílio de fichas fraseográficas, as quais contribuíram também para a organização estrutural do glossário. A partir do levantamento e em posse dos dados, estruturamos e organizamos um glossário das Unidades Fraseológicas, apoiadas no conjunto de informações a respeito de um dado lexema, ou seja, microestrutura analisada para as entradas. Para o estudo do léxico e as ciências afins apoiamos-nos em: Preti (2003), Biderman (1981) (2001), Oliveira e Isquerdo (1998), Orsi (2012), Barreto (2014) e Almeida (2012); pra a taxonomia geral das Unidades Fraseológicas nos debruçamos sobre os postulados de Blais (1993), Bevilacqua (1996), Corpas Pastor (1996), Welker (2004), Tagnin (2011), Monteiro Platin (2014) e Ortiz Alvarez (2011); a respeito das Unidades Fraseológicas da língua de especialidade: Blais (1993), Pavel (1993a) (1993b) e Gouadec (1994); para a elaboração do glossário das Unidades Fraseológicas da língua de especialidade: Welker (2004), Finatto (2004), Krieger (2006), Pontes (2009) e Ximenes (2009) (2013).

Palavras-chave: Colocações de base verbal. Unidades Fraseológicas da Língua de Especialidade. Autos de defloramento.

ABSTRACT

The present thesis is the result of the study of Phraseological Units, exclusively, of the verbal basis, in the book: *Bahian manuscripts from the 18th to the 20th centuries: Defloration records*. In the book there is a semiplomatic edition of six deforestation records, under the organization of adviser professor Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz. This dissertation includes the description of the corpus, the use of the computational tool *AntConc*, used for the survey and selection of UFs, and the glossary with the Phraseological Units of the specialized language contained in the corpus. The selection and collection of these elements were carried out with the help of phraseographic forms, which also contributed to the structural organization of the glossary. Based on the search and in possession of the data, we structured and organized a glossary of the Phraseological Units, supported by the set of information about a given lexeme, that is, the microstructure analyzed for the entries. In order for the study of the lexicon and related sciences we took: Preti (2003), Biderman (1981) (2001), Oliveira and Isquerdo (1998), Orsi (2012), Barreto (2014) and Almeida (2012); For the general taxonomy of Phraseological Units we look at the postulates of Blais (1993), Bevilacqua (1996), Corpas Pastor (1996), Welker (2004), Tagnin (2011), Monteiro Platin (2014) and Ortiz Alvarez (2011); regarding the Phraseological Units of the specialty language: Blais (1993), Pavel (1993a) (1993b) and Gouadec (1994); for the elaboration of the glossary of the Phraseological Units of the specialized language: Welker (2004), Finatto (2004), Krieger (2006), Pontes (2009) and Ximenes (2009) (2013).

Keywords: Verbal basis placements. Phraseological Units of the Language of Specialty. Defloration records.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 – Capa do livro	48
Figura 2 – Programa <i>AntConc</i>	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características das Unidades Fraseológicas	30
Quadro 2 – Nueva Propuesta de Clasificación de las Unidades Fraseológicas en Español ..	33
Quadro 3 – Classificação das Colocações	35
Quadro 4 – Esquema de Classificação do Dicionário, Vocabulário e Glossário	40
Quadro 5 – Dados das Vítimas	45
Quadro 6 – Distribuição dos Escrivães	57
Quadro 7 – Dados Constituintes dos Autos	58
Quadro 7 – Modelo de Ficha Fraseográfica Utilizada	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UF – Unidade Fraseológica

UFs – Unidades Fraseológicas

UFLE – Unidade(s) Fraseológica(s) da Língua de Especialidade

UFLC – Unidade(s) Fraseológica(s) da Língua Comum

LE – Língua Especializada

LC – Língua Comum

Adj. – Adjetivo

Prep. – Preposição

Art. - Artigo (classe de palavras)

Art. – Artigo (código penal)

A Nº 1 – Auto Número 1

A Nº 2 – Auto Número 2

A Nº 3 – Auto Número 3

A Nº 4 – Auto Número 4

A Nº 5 – Auto Número 5

A Nº 6 – Auto Número 6

Var. 1 – Variante 1

Var. 2 – Variante 2

Var. 3 – Variante 3

Var. 4 – Variante 4

Nº. - Número

L. – Linha

Fl. – Fólio

P. – Página

Sin. Sinonímia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	O LÉXICO	17
2.1	LÉXICO: CIÊNCIAS AFINS	19
2.2	A UNIDADE FRASEOLÓGICA É UMA DISCIPLINA DA LEXICOLOGIA?	21
3	SOB A ÓTICA DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS: HISTÓRIA E LINHAS	23
3.1	CONCEITOS DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS	27
3.2	CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS	29
3.3	A TAXONOMIA DE CORPAS PASTOR (1996)	30
3.3.1	As Colocações	32
3.4	UNIDADES FRASEOLÓGICAS DA LÍNGUA COMUM E DA LÍNGUA DE ESPECIALIDADE	36
3.5	O GLOSSÁRIO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS	39
4	MATERIAIS E MÉTODOS	43
4.1	O DESPERTAR PELO <i>CORPUS</i> : A HISTÓRIA E A ESCOLHA	44
4.2	DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	48
4.3	AUTO DE DEFLORAMENTO	49
4.4	A EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA	54
4.5	DAS MÃOS QUE O ESCREVERAM E O CONCEBEM: OS ESCRIVÃES	55
4.6	A FERRAMENTA ANTCONC	59
4.7	DO ESTUDO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS	61
4.7.1	A Seleção e a Coleta das Unidades Fraseológicas – UFs	61
4.7.2	A Organização do Glossário	62
5	GLOSSÁRIO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS	64
5.1	SEGMENTO 1: APRESENTAÇÃO	64
5.2	SEGMENTO 2: INTRODUÇÃO	66
5.3	SEGMENTO 3: DESENVOLVIMENTO	69
5.4	SEGMENTO 4: CONCLUSÃO	89
5.5	SEGMENTO 5: CUSTAS	91

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS	95

1 INTRODUÇÃO

Para desempenhar pesquisas a respeito da língua é também indissociável investigar a cultura e os aspectos histórico-sociais que permeiam a sociedade que a utiliza para comunicar-se. No que diz respeito à língua, esta é considerada um instrumento de interação que se modifica constantemente através dos diversos influxos que recebe, a saber: culturais, sociais e históricos.

Simultaneamente, no decorrer dos dias aplicamos inúmeras estruturas linguísticas ao nos comunicarmos, que, muitas vezes, não sabemos como foram concebidas, não possuímos o conhecimento a respeito de sua criação, mas depreendemos como usá-las e como empregá-las, é nesse âmbito que se inserem as Unidades Fraseológicas – UFs, frases feitas ou estruturas fixas consideradas como produto cultural e social.

As Unidades Fraseológicas se evidenciam como composto revelador de manifestações comportamentais dos indivíduos e através dessas manifestações nos é possível detectar marcas culturais e sociais de determinados espaços.

Em consonância, as Unidades Fraseológicas são as parcelas mais frequentes de uma língua e através delas revela-se a competência dos falantes e de principiantes, ou seja, os falantes enquanto o processo de aquisição da linguagem, embora usem e formulem sentenças altamente complexas ainda não fazem uso das UFs. Dentre os diversos tipos de Unidades Fraseológicas nos dedicamos nesta dissertação às colocações de base verbal da língua de especialidade jurídica, presentes no livro *Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX: Autos de defloraemento*.

Em vista disso, procuramos observar, neste estudo, as UFs constantes nos autos. Buscamos, através dos estudos responder aos questionamentos básicos que surgiram ao começarmos a investigação: como identificar, coletar e selecionar as Unidades Fraseológicas da Língua de Especialidade, em especial, as colocações de base verbal que integram o livro e como estruturá-las e organizá-las num glossário? Quais elementos podem compor a macro e a microestrutura de cada verbete? Qual a estrutura adequada para o glossário?

Desse modo, conduzindo-se essa problemática, nos foi posto o desafio de trilhar pelos caminhos das Unidades Fraseológicas e compreendermos a convergência entre língua, cultura e sociedade e a complexidade que move essa relação. Diante disso, nossos objetivos específicos foram: o levantamento das UFs e a produção do glossário fraseológico; e como objetivo geral e principal foi realizar o estudo das UFs, exclusivamente, as colocações de base verbal.

Nossa dissertação está constituída em seis seções. A seção introdutória ressaltou a importância dos estudos Fraseológicos e a abrangência desses em relação à cultura e a sociedade da comunidade linguística. Na seção dois apresentamos o léxico e as ciências que o analisam, não podemos falar de Língua, cultura e sociedade sem fazer menção ao léxico.

A seção três nos dedicamos às Unidades Fraseológicas com apanhados históricos, conceitos, características, alguns autores que fizeram e fazem contribuições importantes para o desenvolvimento de pesquisas no âmbito das Unidades Fraseológicas e apresentamos a taxonomia de Corpas Pastor (1996), a qual será adotada em nossa dissertação, abordamos a respeito do nosso objeto de estudo as Colocações em geral e ressaltamos sobre as Unidades Fraseológicas da Língua comum e da Língua de especialidade.

Na seção quatro, exibimos os materiais e métodos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, bem como a descrição do *corpus*, a ferramenta computacional utilizada e os procedimentos adotados para o levantamento das Unidades Fraseológicas.

Na seção cinco, por sua vez, apresentamos o produto final de nossa dissertação, ou seja, o glossário das Unidades Fraseológicas, o qual está dividido em cinco segmentos, a saber: apresentação, introdução, desenvolvimento, conclusão e custas.

Por fim, encerramos com a conclusão dos resultados alcançados e as referências.

Partimos para a seção seguinte com o intuito de esclarecermos a importância dos estudos o qual objetivamos exibir.

2 O LÉXICO

A língua não é apenas estrutura de palavras, corresponde também as palavras que a estruturam e nessa esfera encontramos o léxico o qual corresponde ao conglomerado de palavras de uma língua. O Léxico faz parte da vida do ser humano. Desde o início da sua comunicação os indivíduos põem em uso o repertório vocabular, o qual está se ressignificando constantemente, ou seja, em constante mudança. Assim, em uma tentativa de definição constatamos que o Léxico é o repertório vocabular que cada indivíduo tem armazenado em sua mente.

O Léxico é inerente à língua, à cultura e à sociedade, descreve a história de um grupo social, a visão de mundo e a realidade de tal grupo. Sendo esse um produto cultural e diretamente ligado ao social, ele é inerente a manifestações comportamentais do ser humano, pois apresenta e dá novo significado a algo, e essa constante mudança faz com que os indivíduos agreguem novos vocábulos e novos significados, de modo contínuo e é através daquele que temos acesso a questões relacionadas à cultura e à identidade de um povo. Preti (2003) complementa que o léxico pode ser idealizado como um

[...] campo de difícil análise, pelas implicações culturais que possui e porque nele, mais do que nenhum outro, se observa melhor a condição dinâmica da língua, sua contínua renovação para atender às necessidades de comunicação, fato que reflete a mobilidade das estruturas sociais, que também se renovam incessantemente (PRETI, 2003, p. 58).

Nesse sentido, constatamos que o léxico é o nível linguístico que melhor expressa conjuntamente os aspectos sociais e culturais de um dado grupo, ou seja, a identidade sociocultural, pois o mesmo configura a realidade e por ela é modificado. A transmissão de ideias e de valores perpassados de geração para geração são evidências do léxico na cultura, os indivíduos recebem essa cultura por meio desse processo. Para uma melhor compreensão do estudo da língua, da sociedade e da cultura, faz-se primordial ter em conta que o léxico é o nível linguístico mais extralinguístico, pois está a todo o tempo recebendo os influxos sócio-histórico-culturais, sejam estes em quaisquer línguas naturais.

O léxico é um fator de identidade. Através do seu estudo em uma determinada comunidade linguística comprovamos que temos acesso também à cultura e à história desse povo, o que é fundamental na formação de sua identidade cultural. É no léxico e na prática de um povo que temos contato com a riqueza cultural e linguística.

Entendemos que o léxico é o acervo de palavras que cada indivíduo tem armazenado em sua memória. Segundo Biderman (1981, p. 138), o léxico é o “[...] tesouro vocabular de uma determinada língua [...]”, integrando a “[...] nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado”. Nesse sentido, é através das questões culturais, linguísticas, históricas e sociais que o léxico se realiza e se insere.

Oliveira e Isquardo (1998, p. 7) enfatizam que:

[...] o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. [...] na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura. No entanto, esse recorte pode variar de língua para língua, pois cada uma expressa a concepção de mundo da sociedade à qual representa (OLIVEIRA E ISQUERDO, 1998, p. 7).

Dessa forma, o léxico é considerado o nível da língua com melhor destaque da contemporaneidade, principalmente, dos fatores que não pertencem a esse sistema, mas se associam à aplicação deste para a compreensão de uma realidade pretérita. Ao nos debruçarmos para estudar a língua em sua totalidade é possível ter acesso a sociedade de determinada época a partir das lexias existentes em determinada comunidade de fala, de maneira que ao estudar o léxico estudamos também o ambiente em que está inserido, sendo possível estudar a história, a memória e a cultura de um povo.

Para Orsi (2012, p. 67) o:

Objeto primordial dos estudos lexicológicos, o exame do léxico nos permite conhecer a história, os costumes e os hábitos de um povo [...] o léxico é o elemento capaz de traduzir, dentro das línguas, as relações de ordem econômica, social e política que existem entre as diversas classes sociais. Desse modo, podemos supor que sem o léxico não haveria língua (ORSI, 2012, p. 67).

O léxico é a base vocabular que cada indivíduo tem de sua língua, ou seja, é o conjunto de palavras pertencentes a determinada língua, a todo instante está mudando e assim o indivíduo vai agregando novos vocábulos e novos significados. Neste sentido, destacamos a definição de léxico como o “[...] saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico-cultural” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 7).

O léxico é indissociável ao homem. A todo o momento estamos fazendo uso do léxico. A comunicação é um dos principais quesitos para o processo de nomeação que, por sua vez, é o processo pelo qual expressamos e representamos os nossos pensamentos e sensações por meio

de palavras. O léxico vai se materializando com os rótulos que são os chamamentos que indicam anunciar ou ressaltar algo, ou seja, o rótulo contém informação de algum tipo que está estreitamente ligado com aquilo que se rotula, a partir desse momento novas palavras surgem e os rótulos se materializam.

Ao encaminharmos para os estudos lexicais é necessário compreendermos as ciências que o rodeiam. É disso que trataremos a seguir.

2.1 LÉXICO: CIÊNCIAS AFINS

O léxico está presente em contextos culturais e sociais. Nesse seguimento Orsi (2012) enfatiza que “[...] a primeira tentativa de descrição ordenada do léxico ocorreu no século XVI, motivada por necessidades culturais e mudanças estruturais na sociedade”. Embora tenha sido a primeira tentativa, foi um grande passo para o desenvolvimento dos estudos, “[...] porém, é somente no século XIX que surgem as reflexões verdadeiramente lexicológicas, e a Lexicologia irrompe como uma das ciências do léxico, assim como a Lexicografia (ORSI, 2012, p.165).

Ao enveredarmos pelos estudos lexicais, estudamos também as ciências que analisam e o têm como objeto de estudo, a saber: a Lexicologia, Lexicografia e a Terminologia.

Para Orsi (2012), “A Lexicologia é considerada a ciência que estuda as unidades lexicais de uma ou várias línguas, seja no que tange ao significado ou ao significante, isto é, o léxico em todos os seus aspectos” (ORSI, 2012, p.164). A Lexicologia, ciência do léxico, é um dos ramos da Linguística, com um campo muito amplo, o qual tem o léxico como o seu objeto de estudo.

A Lexicologia tem como essência de estudo “[...] a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico [...]” (BIDERMAN, 2001, p.16). Nesse sentido, em trabalhos lexicológicos, não são analisadas apenas as lexias levantadas, mas também as relações com a história, a cultura e a sociedade.

Para uma melhor compreensão do que realmente é a Lexicologia e do que essa ciência se encarrega, Orsi (2012, p. 165-166) complementa que

Essa ciência do léxico atenta-se à totalidade do signo linguístico concebido por Saussure (2006) no começo do século XX. Interessa-se pelo estudo do que concerne às palavras. [...] Lembramos, porém, que ao acreditar que as línguas recortam a realidade à sua maneira, devemos concordar com o fato de que não poderia haver um único conceito de palavra, singular e imutável, como afirma Biderman (2001) (ORSI, 2012, p. 165-166)

No que concerne à Lexicografia, é considerada uma ciência tradicional e bastante antiga. A Lexicografia ocidental teve sua origem marcada nos princípios dos tempos modernos. Ainda que dispusesse de alguns antecessores na produção de glossários latino medievais, esses não contribuíram diretamente para o desenvolvimento dessa ciência em si, essas obras apenas auxiliavam os leitores nas interpretações de textos. Segundo Oliveira e Isquardo (2001, p. 17), “A Lexicografia só começou, de fato, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna).”

No tocante à Lexicologia e à Lexicografia, ambas têm por foco o léxico, de maneiras diferentes, mas, com apenas um propósito: a descrição desse mesmo léxico.

Barreto (2014, p. 259) enfatiza que a Lexicografia:

[...] desponta como uma ciência voltada para os estudos do léxico. Ela trata especificamente da produção de dicionários mono e bilíngues, partindo dos conceitos desenvolvidos pela Semasiologia, ou seja, a definição das palavras alocadas nos dicionários é feita partindo-se do significante para o significado em uma tentativa de incorporar o máximo possível de signos linguísticos pertencentes a uma língua natural. Vale frisar que um aspecto em comum existente entre a Lexicologia e a Lexicografia é a relação que elas possuem com a Semântica, visto que ambas trabalham com a dimensão funcional e significativa das palavras (BARRETO, 2014, p. 259).

E a Terminologia. Como se faz o uso dessa ciência?

Apesar de o interesse pelos estudos terminológicos já viesse de épocas pretéritas, sendo objeto de estudo previamente dos semanticistas, apenas no século XX que a Terminologia foi considerada ciência independente, fundamentando-se por ter um objeto de estudo próprio, o termo, e por ser considerada uma área de aplicação.

Embora a Terminologia não seja considerada uma ciência independente para todos, é, contudo, considerada por unanimidade como um estudo importante tanto no âmbito universitário como também para o currículo de ensino, visto que o uso de termos técnicos é recorrente em todas as áreas. Almeida (2012) enfatiza que a Terminologia pode ter vários sentidos dependendo do contexto em que está inserida.

Segundo Almeida (2012, p.197-198) a:

Terminologia pode ter duas acepções distintas. A primeira refere-se ao conjunto vocabular próprio de uma ciência, técnica, arte ou atividade profissional, como a terminologia da Fisioterapia, do Direito, da Música, dos Artefatos de Borracha etc. A segunda acepção designa não só o conjunto de práticas e métodos utilizados na compilação, descrição, gestão e apresentação dos termos de uma determinada linguagem de especialidade (= terminologia enquanto atividade), como também o conjunto de postulados teóricos necessários para dar suporte à análise de fenômenos linguísticos concernentes à comunicação especializada, incluídos aí os termos,

evidentemente (= terminologia enquanto teoria) (ALMEIDA, 2012, p. 197-198).

Nosso principal enfoque nos estudos está ligado a essas duas acepções. Assim, constatamos que a Terminologia, ciência dos termos científicos que estuda o léxico de cada área, aponta atualmente uma necessidade de se apresentar referências exclusivas para muitos conceitos criados, exclusivamente na ciência e na tecnologia. É necessário buscar uma uniformização para que as pessoas conheçam os termos específicos de cada área para uma comunicação mais eficaz.

Tanto a Lexicografia quanto a Lexicologia possuem um caráter interdisciplinar em suas pesquisas, haja vista, por exemplo, que em muitas obras lexicográficas a colaboração de especialistas de outras áreas para a feitura dos verbetes é imprescindível. Nesse sentido, muitas vezes a Lexicografia interage diretamente com a Terminologia, para as definições das áreas biológicas, exatas e humanas, e com a Tradução, no caso da elaboração de obras bi ou multilíngues (ZAVAGLIA, 2012, p. 235).

Para um melhor entendimento faremos uma breve diferenciação da Lexicologia e Terminologia. Segundo Orsi (2012). “A primeira – elucida precedentemente – dedica-se ao estudo do léxico; a segunda, por sua vez, ocupa-se dos termos, palavras próprias de um campo de especialidade (como a física, química, antropologia etc.) ou de uma área profissional”. Para Cabré (1999), os termos representam o conjunto de signos linguísticos.

Assim definidas, entendemos que estas ciências partem da palavra para o seu objeto de estudo e a partir daí a sua delimitação.

2.2 A UNIDADE FRASEOLÓGICA É UMA DISCIPLINA DA LEXICOLOGIA?

Várias são as discussões acerca das Unidades Fraseológicas – doravante UFs, um ramo da linguística que se propõe a investigar as sentenças fixas, as quais são denominadas Unidades Fraseológicas ou fraseologismos. Tal fenômeno linguístico é presente em todas as línguas vivas, que se revelam por meio de associações sintagmáticas recorrentes.

A UF trabalha com padrões léxicos combinatórios e a Lexicologia é a ciência responsável pelos estudos do léxico, nesse seguimento a fraseologia pode ser considerada ou não uma subdisciplina da Lexicologia. Para Costa e Bençal (1996, p. 15) “A fraseologia faz parte das ciências da linguagem e mais especificamente da Lexicologia, que é o ramo da linguística que trabalha com o léxico.”

A autora Corpas Pastor (1996, p.15) chegou em primeiro momento a considerar a UF como uma subdisciplina da Lexicologia como constatamos em “nos ocuparemos de aquellos

grupos de palavras que estan de lleno em la subdisciplina de la lexicologia que se viene denominado fraseología¹”. No entanto, essa ideia na perdurou muito tempo. A autora modificou sua ideia e atualmente considera a fraseologia como uma disciplina independente.

Corpas Pastor, entrevistada pela Prof^a. Dr^a. Maria Luisa Ortiz Alvarez, a respeito do *status* da Fraseologia:

ORTIZ ALVAREZ – A Fraseologia é uma área que se consolidou em todos esses anos e isso se deve, principalmente, aos estudos desenvolvidos em diferentes países. No entanto, ainda existem várias opiniões acerca da sua condição, de seu status. Alguns acreditam que a Fraseologia é um ramo da Linguística, outros a consideram um ramo da Lexicologia, alguns acreditam que é uma disciplina autônoma. O que você pode nos dizer sobre isso?

CORPAS PASTOR – A Fraseologia é considerada tradicionalmente um ramo da Linguística, concretamente uma subdisciplina dentro da Lexicologia. Também se estudou a Fraseologia a partir da Etnolinguística, especialmente no que se refere à Paremiologia (os provérbios são considerados um repositório de sabedoria popular, cf. o folclore popular). Mas desde finais da década de 1990 e muito especialmente desde o início do século XXI, a Fraseologia experimentou um auge a tal ponto que já pode se considerar uma disciplina autônoma e independente, que desenvolveu um aparato teórico próprio e interdisciplinar (CORPAS PASTOR, G.; ORTIZ ALVAREZ, 2017, p. 262).

Foi apenas no século XX que a UF se consolidou como disciplina linguística. O efeito de averiguar o seu lugar nos estudos linguísticos gerou opiniões diferentes entre alguns autores soviéticos no século XX, pois, grande parte deles defendiam que a UF deveria ser aceita como disciplina da linguagem e igualada a outras como a Lexicologia e a Sintaxe.

Algumas questões são levadas a considerarmos a Unidade Fraseológica como uma disciplina independente, visto que, ela dispõe de um objeto de estudo e de um método científico e descritivo específico, por isto, essa pode ser retirada da posição de subdisciplina da Lexicologia.

Welker (2014, p. 162) chama a atenção para visualizarmos a Unidade Fraseológica acerca de dois aspectos diferentes, os quais são: primeiro “de ciência paralela à lexicologia” e o segundo como “conjunto dos fraseologismos”.

Portanto, ao abordarmos os estudos das UFs é necessário atentarmos para a Fraseologia enquanto ciência e linha de investigação e também como grupo de Unidades Fraseológicas. Ao estudarmos a língua, mergulhamos também na cultura e a sociedade de uma determinada comunidade linguística e a partir desses estudos é possível identificarmos diversos fenômenos para serem pesquisados como os apresentados nesta seção o léxico e as UFs.

¹ cuidaremos daqueles grupos de palavras que estão totalmente na subdisciplina da lexicologia que é chamada de fraseologia (Tradução nossa)

3 SOB A ÓTICA DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS: HISTÓRIA E LINHAS

Ao enveredarmos pelos estudos das Unidades Fraseológicas, constatamos que tal estudo não é algo recente, o pai da linguística moderna Ferdinand de Saussure, em sua obra *Cours de Linguistique Générale*, já mencionava a respeito das combinações fixas, apresentava algumas características e sinalava para a necessidade de um estudo dedicado às unidades.

Para Saussure (2001 [1916]) as combinações fixas representam: “frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas [...] Esses torneios não podem ser improvisados, são fornecidos pela tradição” (SAUSSURE, 2001 [1916], p. 144).

A *phraséologie* – fraseologia foi citada também pelo estudioso Charles Bally em: *Précis de Stylistique, Traité de stylistique française y Linguistique générale et linguistique française*, Bally foi um dos discípulos de Ferdinand de Saussure, e se reportou à UFs para mostrar um conjunto de fenômenos sintáticos e semânticos que deram espaços a uma parte das UFs. Diante desses elementos, o estudioso construiu o alicerce de sua teoria fraseológica e, por essa produção, alguns linguistas lhe consideram como o pai da Fraseologia.

Para o linguista essas combinações lexicais apresentam diferentes graus de coesão.

Desenvolvendo:

as combinações lexicais apresentam diferentes níveis de coesão a partir de dois casos extremos: a) as combinações livres, cuja combinação sintagmática se decompõe imediatamente após sua criação, e as palavras que a integram tornam a gozar de plena liberdade para compor novas combinações; e b) as combinações estáveis, quando uma determinada combinação sintagmática, ao expressar uma mesma ideia, perde completamente sua independência, de modo que as palavras que a integram ficam ligadas entre si e adquirem seu sentido nessa combinação. Desse segundo grupo, nasceria, mais tarde, o objeto de estudo da fraseologia (ORTIZ-ALVAREZ, 2001, p.78).

As produções de Bally ganham destaque, inclusive, na linguística soviética e dessarte, a pesquisa soviética começou a deliberar o estado do fraseolético². No que se refere à interpretação soviética de fraseologia³, a qual deteve grande influência no desenvolvimento da fraseologia contemporânea, Klare (1996) aborda que:

²Enquanto subconjunto relativamente autónomo – do Léxico, o Fraseolético tem como função: “produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes usam como matéria-prima na elaboração de raciocínios e na construção de enunciados verbais” (RIO-TORTO, 2006, p. 12)

³ O termo fraseologia é utilizado tanto para referir a disciplina que se ocupa das unidades fraseológicas, quanto o conjunto mesmo dos fenômenos fraseológicos de uma língua natural. Para efeitos deste trabalho, utilizaremos o termo Fraseologia para designar a área de estudo das unidades fraseológicas (UFs).

a investigação soviética tende para compreender a fraseologia como disciplina lingüística autônoma e para excluí-la assim da lexicologia e estabelecê-la num grau equivalente ao lado da lexicologia como disciplina lingüística autônoma. Este ponto de vista parte do fato de que os fraseologismos (locuções fraseológicas, fraseolexemas etc.), contrariamente às palavras simples e compostas, dispõem também de especificidades e particularidades, restando à questão de estas especificidades serem suficientes para retirar a investigação fraseológica do campo geral da lexicologia. (KLARE, 1996, p. 356).

Quanto ao surgimento dos estudos das UFs, segundo Silva (2005), o estudo das UFs desenvolveu-se na França durante o século XVIII, embora seja muito mais antigo na prática de uso. No entanto, em Portugal, no século XVII, Antonio Delicado publicava a obra intitulada *Os Adagios Portugêses reduzidos a lugares communs*, em 1651, o qual consta com um abundante reportório de enunciados proverbiais, com um total de mais de 3600, compilados por 59 temas e organizados em ordem alfabética. O que afirma que os usos das UFs pertencem a uma época ainda mais remota. Todavia, o conceito de UF foi registrado em dicionário português em 1813 por Antonio Moraes e Silva.

Com a inserção da Fraseologia como disciplina científica, surgiram três correntes de investigação: “a) o estruturalismo europeu ocidental; b) a linguística da extinta União Soviética e de outros países do antigo bloco do Leste europeu; c) a linguística anglo-americana” (CORPAS PASTOR, 1996, p.19).

Corpas Pastor (2017) em uma entrevista ressalta que:

A escola russa (quer dizer, da antiga União Soviética) teve muita influência no desenvolvimento da fraseologia contemporânea. Seu principal foco de influência pode ser notado na escola alemã e na cubana. No entanto, o século XXI assistiu ao desenvolvimento fervoroso das teorias alemãs e do restante de estudos continentais: especialmente a fraseologia espanhola, que influenciou notavelmente a italiana e a portuguesa; e a fraseologia francesa, que anda pelos caminhos da *lexicogrammaire*. Nesse sentido, ela se aproxima dos postulados da fraseologia britânica, de base sistêmico-funcional e onde o princípio de idiomaticidade e a semântica léxica ocupam um lugar privilegiado. (CORPAS PASTOR, G.; ORTIZ ALVAREZ, 2017, p. 262)

Vale ressaltar que os estudos das UFs podem ser realizados em diversas perspectivas e com distintas possibilidades, a depender da corrente seguida. Citaremos aqui duas correntes que merecem destaque por se debruçarem aos estudos das Unidades Fraseológicas, a saber: a linha francesa e a espanhola.

Na perspectiva da linha francesa as expressões lexicais são capazes de se apresentar através das associações sintagmáticas usuais, e pelo processo de fixação essas associações se realizam. Um dos principais influenciadores dessa corrente é Meijri, o qual define Fraseologia

como uma disciplina independente, que se encarrega pelo estudo das combinações léxicas estáveis.

Para uma melhor compreensão, dos postulados de Meijri (1997), Paim; Oliveira (2018) complementam:

Mejri (1997) conceitua a Fraseologia como uma disciplina independente, responsável pelo estudo das combinações de unidades léxicas estáveis e com certo grau de idiomaticidade, que sejam polilexicais e que constituam a competência discursiva dos falantes. Para esse estudioso, a Fraseologia é um fenômeno linguístico que abrange a congruência e a fixação. A primeira trata do pareamento entre unidades lexicais em sua sequência sintagmática (em todos os níveis: fonológico, morfológico, gráfico, sintático e semântico) e entre enunciados e a situação de enunciação (dimensão pragmática); a segunda abrange os fenômenos relacionados à estabilização das formas utilizadas e à sua fixação no uso. O resultado são unidades de um novo tipo, as unidades polilexicais, que, entre outras funções, fornecem o aspecto idiomático (específico para o idioma) à medida que surgem através dos tipos de categorização cognitiva pela junção de palavras do idioma. (PAIM; OLIVEIRA, 2018, p. 3)

A polilexicalidade corresponde à quantidade de elementos (palavras) considerados para ser uma UF. Assim, a UF em sua constituição deve conter no mínimo duas unidades lexicais. Meijri dedicou-se ao estudo do processo de fixação (*figement*) das unidades e enfatizou sobre como o processo de fixação das unidades sintagmáticas livres tornam-se unidades sintagmáticas indissociáveis.

O processo de fixação é, em efeito, importante: ele confirma todas as dimensões do sistema linguístico (fonética, sintaxe, morfologia, prosódia, semântica, etc.). Uma sequência [...] comumente empregada em conversas diárias, ilustra perfeitamente o entrelaçamento de todos os níveis que acabamos de mencionar. (PAIM; OLIVEIRA 2018, p. 81)

Existem vários termos utilizados para fazer referência à Fraseologia. Pensando nisso, Salah Meijri (2012) sugere uma organização do campo terminológico da área, doravante a oposição entre o fenômeno fraseológico e o processo por meio do qual ele se exprime. Para o autor, a *phraséologie* (fraseologia) é um fenômeno linguístico, comum a todas as línguas vivas, que se manifesta por meio das associações sintagmáticas recorrentes. Atua nesse fenômeno o processo de *figement* (cristalização, congelamento), do qual resultam os fraseologismos, que apresentam diferentes graus de fixidez, polilexicalidade, congruência e idiomaticidade.

Segundo Meijri (2012, p.22), “a fixidez constitui um parâmetro para explicar o fenômeno fraseológico e descrever o mecanismo de cristalização por meio do qual as solidariedades sintagmáticas se apropriam das regras da combinatória sintagmática, no plano sintático e no semântico”.

No primeiro caso, o autor explica que não é possível, por exemplo, no fraseologismo “perder a mão”, modificar o determinante ou acrescentar um adjetivo à palavra “mão”. Fazendo essas alterações, a unidade se desfaria, produzindo estruturas inexistentes como: *perder uma mão, *perder as mãos, *perder uma mão pequena. Já a fixidez no plano semântico manifesta-se por meio da propriedade em que determinadas sequências são fixadas de uma só vez, com seu respectivo sentido, como “engolir água” e “ter um gato na garganta”. Para o autor, essa fixidez também é de natureza paradigmática. Exemplifica-se essa noção a partir de uma expressão idiomática conhecida no Brasil: “bater as botas”. Não dá para comutar, por exemplo, “botas” com “sapatos” ou “calçados”, sob pena de criar uma forma que não existe como fraseologismo no uso da língua portuguesa (MEIJRI, 2012, p.23)

Nesse sentido, não é possível nas UFs, alterar ou acrescentar características ou palavras, pois as modificações nas unidades perdem seu caráter original, gerando estruturas irreais.

No que se refere à congruência, é o “processo de adaptação das Unidades Lexicais pelo qual elas se integram naturalmente na combinatória” (MEIJRI, 2009, p. 79 *apud* MEIJRI, 2012, p. 143). Dessa forma, de acordo com os termos fraseologismos, a congruência diz respeito à adequação da estrutura sintagmática às regras de formação das sequências fixas.

No que concerne à linha espanhola, Julio Casares (1992 [1950]) é o primeiro pesquisador no campo de ação das UFs Espanhola. O autor relaciona duas categorias para classificar as UFs espanholas, a saber: locuções e modismos (UFs idiomáticas), deixando os refrões e os provérbios para a Paremiologia.

Anos depois, no fim do século XX, especificamente, em 1980, o pesquisador Alberto Zuluaga publica sua tese de doutorado a respeito das expressões fixas do espanhol, o manual de Fraseologia espanhola. Nesta obra, Zuluaga muda a modalidade de classificação de cada uma das divisões e subdivisões de Casares, separando UFs entre locuções e enunciados, incluindo os provérbios.

Dentre os diversos pesquisadores dessa linha, deteremos destaque, aqui, a Gloria Corpas Pastor, autora do livro *Manual de Fraseologia de la Lengua Española*, publicado em 1996. É uma obra de referência internacionalmente, sendo apenas uma parte da sua tese de doutorado de 1994. O manual apresenta uma dupla partição dos enunciados fraseológicos, fixos na fala, divididos em paremias e fórmulas rotineiras, e as UFs que não apresentam enunciados completos, as colocações, fixas na norma e as locuções, fixas no sistema da língua. A pesquisadora dedica-se aos estudos das UFs, especificamente às colocações. Hodiernamente continua trabalhando com as colocações, porém na perspectiva da Linguística de *Corpus*, Tradução e Fraseografia.

Corpas Pastor (1996, p. 20) define as UFs como “unidades léxicas, formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta”.⁴

Nesse sentido, as Unidades Fraseológicas são as combinações de palavras fixas, formadas por duas ou mais palavras. Para a identificação das UFs deve-se levar em conta algumas características. Para Corpas Pastor (1996, p. 20), “as características lingüísticas que distinguem as unidades fraseológicas de outros tipos de unidades léxicas são a freqüência, a institucionalização, a fixação, a idiomaticidade, a variação e a gradação”.

Observemos:

1° a *freqüência*, ou seja, a aparição conjunta dos elementos constituintes de uma unidade fraseológica é superior à aparição individual de cada um destes elementos na língua. Além do mais, o uso destes elementos combinados é considerável na língua.

2° a força de seu uso repetido, as unidades fraseológicas conseguem ser aceitas na norma e esta aceitação se traduz em sua *institucionalização*.

3° sempre em relação com esta institucionalização, as unidades fraseológicas se distinguem por sua *fixação*. Elas são fixas formal ou semanticamente.

4° quando nenhum de seus componentes contém um significado que possa indicar a significação de uma unidade fraseológica, sua especificação semântica alcançou o grau mais alto. Esta quarta característica se chama *idiomaticidade*.

5° mesmo sendo caracterizadas pela fixação formal e semântica, as unidades fraseológicas podem sofrer *variações* em sua estrutura, isto é, um de seus elementos pode ser mudado por uma variante sem afetar ao significado global da unidade, ou também pode ser que uma unidade fraseológica sofra em si mesma uma modificação criativa por parte dos falantes.

6° a *gradação* se refere ao fato de que, em todos estes traços mencionados, existe uma escala gradual, ou seja, que nem todas as unidades fraseológicas são estritamente fixas em sua estrutura (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20).

Dessa forma, constatamos que as características utilizadas para diferenciar as UFs dos demais tipos de unidades léxicas são questões essenciais da determinação desses fenômenos e, deste modo, da sua diferenciação de outras unidades denominativas que constituem os critérios aplicados.

3.1 CONCEITOS DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Muitos são os conceitos apresentados para definir um dos ramos da linguística, a Fraseologia. A comunicação é inseparável do homem e é por meio dessa que interagimos, a qual pode ser através da língua escrita, língua de sinais ou língua falada.

⁴ unidades léxicas, consistindo de mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior cujo limite superior está no nível da frase composta. (Tradução nossa)

A língua falada é individual, espontânea e natural. Por meio desse fenômeno, nós, indivíduos, utilizamos diversas estruturas, a saber: sintáticas, semânticas, gramaticais e muitas dessas estruturas altamente complexas que nem sempre foram estruturadas em nossa mente antes de realizarmos. São frases feitas ou combinações fixas com significado ímpar que chamaremos UFs.

Em nosso dia a dia utilizamos essas UFs frequentemente, independente de classe ou idade. Vale ressaltar que o mais interessante desse fenômeno é que sabemos quando e como utilizá-lo, mas não sabemos como foi criado. A Fraseologia tem como objeto de estudo as UFs as quais também são denominadas como fraseologismos. É de fundamental importância a ligação entre as UFs, a cultura e a sociedade, pois os indivíduos trazem em si essa conexão. No entanto, outras questões devem ser mencionadas, como as particularidades próprias que envolvem a formação dessas, dentre elas a semântica e a literalidade das palavras.

Não obstante a adversidade em definir UFs, diversos autores estão de acordo com a concepção de que essa é formada por subsistemas, os quais são semântico, léxico-gramatical e sintático. Ortíz Álvarez (2000, p. 73) defende a ideia de subsistemas e define UF [...] “como a combinação de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semanticamente e sintaticamente, que não pertence a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos”.

O autor Ruiz Gurillo (1997, p. 14) denomina UFs a “una combinación fija de palabras que presenta algún grado de fijación y eventualmente de idiomaticidad”⁵.

Nos estudos linguísticos, as expressões ou sentenças fixas são denominadas de UFs. Nesse seguimento, a Fraseologia é responsável pelos estudos das expressões fixas como as frases feitas, colocações, provérbios e expressões idiomáticas. Nas UFs o significado obtido através da combinação de palavras não é necessariamente o que se espera ao analisar seus componentes separadamente.

Expostos os conceitos de UFs, na subseção seguinte tratamos das características das Unidades Fraseológicas UFs.

⁵ Uma combinação fixa de palavras que apresenta algum grau de fixação e eventualmente de idiomática. (GURILLO, 1997, p. 14 tradução nossa)

3.2 CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Todas as línguas agregam inúmeras convencionalidades. O falante enquanto ser dependente que se adapta a essa cultura linguística, divulga as fórmulas institucionalizadas, que se cristalizam, esse mesmo falante cria novos elementos e atribui sentidos. Como consequência, constatamos que o léxico não é formado apenas por palavras isoladas, mas juntamente por diversos agrupamentos de mais de uma palavra, por conseguinte se fixam e se consolidam com formato estabelecido e significado próprio.

Zuluaga (1980, p. 28) afirma que [...] “há certas peculiaridades na estrutura interna das expressões capazes de diferenciá-las tanto na forma quanto na semântica”. Os fraseologismos apresentam características específicas que são fixação ou cristalização, congruência, polilexicalidade e idiomaticidade.

A fixação ou cristalização corresponde à aceitação e uso dessas UFs pelos falantes. Segundo Oliveira (2009, p. 28), “O principal traço ou a principal característica dessas unidades fraseológicas é a fixação (ou cristalização); uma fixação fraseológica, pragmática, com fixação de emprego e contendo uma combinação fixa de duas ou mais palavras”.

Para ampliar a definição e as características das UFs, elaboramos um quadro baseadas nas leituras de Corpas Pastor (1996), Tagnin (1989), Zuluaga (1980), Fulgêncio (2008) e Paim (2015).

Quadro 1: Características das Unidades Fraseológicas

FIXAÇÃO OU CRISTALIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sempre em relação com esta institucionalização, as unidades fraseológicas se distinguem por sua fixação. Elas são fixas formal ou semanticamente. ✓ A ordem dos elementos que a compõe não se altera; ✓ Os elementos que a constitui não são substituíveis; ✓ é impossível introduzir ou omitir novos elementos;
CONGRUÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> ✓ É o meio pelo que ocorre a acomodação das UFs e por onde se integram naturalmente na combinatória.
POLILEXICALIDADE	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Refere-se à quantidade mínima de elementos. A UF apresenta, no mínimo, dois elementos.
IDIOMATICIDADE	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Na idiomaticidade a UF não é transparente. O significado de toda unidade não corresponde a junção do significado das partes. Segundo Tagnin (1989, p.13), idiomaticidade refere-se “[...] [ao] momento em que a convenção passa para o nível do significado [...]”. ✓ Essa característica traz consigo a ideia de que “[...] o sentido unitário da unidade não se justifica pelo significado individual de cada constituinte [...]”. (CORPAS PASTOR, 1996, p.26) ✓ Quando nenhum de seus componentes contém um significado que possa indicar a significação de uma unidade fraseológica, sua especificação semântica alcançou o grau mais alto. ✓ Para Zuluaga (1980, p.121-134), “é um traço semântico próprio de certas construções fixas cujo sentido não pode estabelecer-se a partir do significado dos elementos componentes de sua combinação.”

Fonte: elaborado pela autora

Nesse sentido, constatamos que não há uma conformidade geral dos autores citados, pois os mesmos apresentam particularidades que convergem e divergem ao relatar as características das UFs. Segundo Corpas Pastor (1996), as UFs, para assim serem consideradas, precisam ser institucionalizadas, apresentar frequência de uso, estabilidade, fixação e idiomacidade. Vale ressaltar que não existe uma analogia no momento de classificar esses fenômenos léxicos.

Nas linhas seguintes faremos uma explanação da teoria de Corpas Pastor e as categorias para classificação das UFs.

3.3 A TAXONOMIA DE CORPAS PASTOR (1996)

Em 1996, foi publicada a tese de doutoramento da pesquisadora Corpas Pastor, a qual foi defendida em 1994, desta, uma parte compõe o “Manual de fraseologia (Corpas Pastor,

1996). Este trabajo, junto con el de Martínez Marín (1996), sirven de pistoletazo de salida para los estudios sobre fraseología en España”⁶ (CORPAS PASTOR, 2001, p. 24)

A definição de uma taxonomia que abrangesse os variados grupos e subgrupos de UFs não foi uma tarefa fácil, pois a autora, com seus variados estudos, procurou determinar e classificar essas unidades, que decorrem de elementos de tipos semânticos, pragmáticos e sintáticos.

Corpas Pastor (2001, p. 27) ressalta ainda que:

la delimitación de las unidades que forman parte del universo fraseológico de las lenguas, se pasa a la sistematización y clasificación de los distintos tipos y subtipos de unidades. Surgen, así, distintas tipologías en las que se mezclan criterios de tipo semántico, sintáctico, pragmático y denominativo (CORPAS PASTOR, 2001, p. 27).⁷

A autora ressalta ainda a respeito dos passos dados com a delimitação do objeto de estudo, as discordâncias e os conflitos encontrados.

Tradicionalmente se vienen investigando las restricciones sintácticas y gramaticales de las UFS con respecto a otras unidades del sistema de la lengua, al tiempo que se las compara con otros fenómenos colindantes, como son los compuestos y las combinaciones libres de palabras.

Todavía hoy día se dan posturas encontradas en lo referente a la separación entre fenómenos gramaticales y fraseológicos. Por ejemplo, existe bastante desacuerdo con respecto a la distinción entre restricciones léxicas y restricciones colocacionales. Lo mismo que ocurre cuando se trata de establecer una distinción clara entre unidades complejas como las perífrasis verbales y UFS como las colocaciones formadas por verbo más sustantivo o las propias locuciones verbales (cf. Blasco Mateo, 2000). Otros puntos conflictivos son las estrechas relaciones que se establecen entre determinados patrones sintácticos y ciertas fórmulas rutinarias discursivas; así como las discontinuidades y las soluciones de continuidad que muestran los mecanismos de formación de palabras y las UFS de carácter terminológico y designativo (cf. Thomas, 1992; Corpas Pastor, 1996; Fleischer, 1997 [1982]: 250-523; Díaz Hormigo, 2000). (CORPAS PASTOR, 2001, p. 27-28)⁸

⁶ Manual de Fraseología (Corpas Pastor, 1996). Este trabalho, juntamente com o de Martínez Marín (1996), servem como pontapé inicial para estudos sobre fraseologia na Espanha. (tradução nossa)

⁷ a delimitação das unidades que fazem parte do universo fraseológico das línguas, é repassada à sistematização e classificação dos diferentes tipos e subtipos de unidades. Assim, surgem diferentes tipologias em que critérios semânticos, sintáticos, pragmáticos e de palavras são misturados (CORPAS PASTOR, 2001, p. 27).

⁸ Tradicionalmente, as restrições sintáticas e gramaticais da UFS têm sido investigadas em relação a outras unidades do sistema linguístico, ao mesmo tempo em que as comparam a outros fenômenos adjacentes, como compostos e combinações sem palavras. Ainda hoje há posições mistas em relação à separação entre fenômenos gramaticais e fraseológicos. Por exemplo, há uma discordância considerável em relação à distinção entre restrições léxicas e restrições de colocação. O mesmo acontece quando se trata de fazer uma distinção clara entre unidades complexas, como perífrases verbais e UFS, como colocações formadas por verbos mais substantivos ou questões verbais (cf. Blasco Matthew, 2.000). Outros pontos de controvérsia são as relações próximas que se estabelecem entre certos padrões sintáticos e certas fórmulas discursivas rotineiras; bem como discontinuidades e soluções de continuidade mostrando mecanismos de formação de palavras terminológicas e designativas e UFS (cf. Thomas, 1992; Corpas Pastor, 1996; Fleischer, 1997 [1982]: 250-523; Diaz Hormigo, 2000). (CORPAS PASTOR, 2001, p. 27-28) (Tradução nossa)

A autora expõe dois critérios indispensáveis para os estudos fraseológicos, o primeiro refere-se à constituição de enunciado – ato de fala; já o segundo diz respeito ao critério de fixação – na norma. Para Corpas Pastor (1996, p. 50 *apud* REIS, 2016, p. 46) “o enunciado é uma unidade de comunicação mínima, produto de um ato de fala, que corresponde geralmente a uma oração simples ou composta, mas que também pode constar de um sintagma ou de uma palavra” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 51). Sequencialmente a autora apresenta os grupos de Unidades Fraseológicas que são constituídos por: I. Grupo das Ufs que não possuem enunciados completos; e II. Grupo das Ufs que possuem enunciados completos.

No quadro a seguir é exposta a proposta de classificação das Ufs de Corpas Pastor.

Quadro 2: Nueva Propuesta de Clasificación de las Unidades Fraseológicas en Español
(CORPAS PASTOR, 1996, p. 52)

Unidades Fraseológicas		
Grupo I. Ufs que não possuem enunciados completos		Grupo II. Ufs que possuem enunciados completos
- ENUNCIADO		+ ENUNCIADO
- ATOS DA FALA		+ ATOS DA FALA
Fixação na norma Esfera I Colocações	Fixação pelo sistema Esfera II Locuções	Esfera III Enunciados fraseológicos

Fonte: (CORPAS PASTOR, 1996, p. 52)

Elaboração: Claudice Ferreira Santos

A partir da proposta definida por Corpas Pastor (1996, p.51), as UFs denominadas colocações inserem-se no grupo I e apresentam fixação pela norma e pela tradição; já as locuções inserem-se também no grupo I, porém sua fixação ocorre pelo sistema, pelas regras implícitas à língua; por fim, os enunciados fraseológicos se encaixam no grupo II e sua fixação ocorre pela fala.

3.3.1 As Colocações

Dentro dos diversos tipos de UF, vale ressaltar as colocações, as quais correspondem a uma das mais importantes nesse âmbito, essas são divididas em tipologias como: nominal, adjetiva, verbal e adverbial, na perspectiva de Santos (2011, p. 30)

As colocações são sequências lexicais constituídas por duas ou mais palavras que são repetidas em contextos semelhantes. Esse conceito nos chama a atenção para os primeiros pensamentos a respeito dessa UF, a qual expõe características importantes como: ser composta, ou seja, ter mais de duas palavras em sua constituição e a repetição. Sanromán (2001, p. 180) define-as como “semi-frasema que estão em um nível intermediário entre os frasemas compostos e os quase-frasema”. Para o autor, os frasemas podem ser divididos em dois grupos: os frasemas pragmáticos, que estão diretamente ligados à interação social e às fórmulas de rotina; e os frasemas semânticos, que são compostos pela subdivisão dos frasemas compostos, semi-frasemas e quase-frasemas.

As colocações não apresentam as particularidades dos provérbios e das Expressões Idiomáticas, e nem levam em consideração o significado isolado de cada elemento que a compõe. Entretanto, seus constituintes não perdem o valor semântico individual em relação ao todo. Essas UFs linguísticas estão presentes em todas as línguas vivas, em uso. Os falantes fazem uso dessas colocações constantemente e, por muitas vezes, sem ter um certo conhecimento de sua formação ou por desconhecer tal fenômeno.

Monteiro Platin (2014, p.72) enfatiza que:

As colocações são expressões linguísticas formadas por uma base e um colocado, na qual encontramos coocorrência léxico-sintática, ou seja, as palavras que constituem a expressão frequentemente aparecem juntas, dando, inclusive, a impressão de que a combinação se deu de forma natural (correr perigo / perdidamente apaixonado / gravemente ferido / arrumar a cama / tirar a mesa / tomar ar / imprensa marrom / chave mestra / obediência cega / frase feita / condições de pagamento / colocar uma questão / dar um passeio / ter um sonho / prestar atenção / pegar um táxi...) (MONTEIRO PLATIN, 2014, p.72).

Nesse sentido, a combinação lexical irá aparecer sempre junta, o que enfatiza a naturalidade existente na relação entre as palavras. Sinclair (1991, *apud* MONTEIRO PLATIN, 2014, p.72) apresenta uma definição mais clara dessas UFs, “[...] como a ocorrência de duas ou mais palavras juntas (base e colocado). Para o autor, a base é o lexema que se deseja e o colocado o lexema que combina com a base”.

Tagnin (2005, p.38 *apud* MONTEIRO PLATIN, 2014, p.72) expõe alguns exemplos de colocações em português e as distribui em categorias:

colocações adjetivas (prato principal / jantar a rigor / política externa); colocações nominais (praça pública / sal grosso / pelotão de fuzilamento); colocações verbais (criar problemas / marcar encontro / tomar providências); colocações adverbiais (fartamente ilustrado / hermeticamente fechado / profundamente magoado); especificadoras de unidade (barra de chocolate / folha de papel / pedra de sabão) e

coletivos (pilha de livros / molho de chaves / enxame de abelhas) (TAGNIN 2005, p.38 *apud* MONTEIRO PLATIN 2014, p.72).

Corpas Pastor (1996, p. 66) faz referência à categoria gramatical e à relação semântica, para ela essas UFs podem ser constituídas por: 1. substantivo (sujeito) + verbo “Correr um rumor; desabar o mundo. Neste tipo de colocação, o verbo denota uma ação característica da pessoa ou coisa designada pelo substantivo” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 67).

Já a segunda constituição é formada por: 2. verbo + substantivo (objeto); “Os verbos destas combinações apresentam extensões colocacionais de proporções variáveis: desde praticamente ilimitados a praticamente fixos, com categorias intermediárias, *preencher uma lacuna; desempenhar um cargo*” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 70).

Sequencialmente formado por: 3. adjetivo + substantivo ou substantivo + adjetivo= “*fonte fidedigna; importância capital*; os adjetivos têm status de colocativos nestas combinações. Às vezes, o valor é compartilhado por uma série de substantivos, por ex.: *olfato apurado, paladar apurado, visão apurada*” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 72).

Em 4. substantivo + preposição + substantivo = “*tablete de chocolate; dente de alho*. As colocações deste tipo indicam a unidade que forma parte uma entidade menor ou um grupo ao qual pertence um determinado indivíduo” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 74).

5. verbo + advérbio = “*faz pouco (há pouco), há muito, falar abertamente*. Os advérbios que entram neste grupo são os de modo e intensidade como *afirmar veementemente, pedir encarecidamente*” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 76).

6. adjetivo + advérbio ou advérbio + adjetivo = “*redondamente enganado, muito batido*. Aqui, a tipologia dos advérbios também é de modo e intensidade como nas combinações anteriores *diametralmente opostas*. Em todas essas situações, há uma intensificação da base (o adjetivo) pelo colocado (o advérbio)” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 78).

No que concerne às tipologias das colocações apresentadas por Santos (2011), com adaptações das autoras, procuramos organizar as classificações das colocações no quadro com a finalidade de uma melhor compreensão.

Quadro 3: Classificação das Colocações

<p>A colocação nominal é composta por uma base que é o substantivo e o colocado que também é um substantivo.</p> <p align="center">BASE + COLOCADO</p> <p align="center">COLOCAÇÃO NOMINAL → Substantivo + Substantivo</p>
<p>A colocação adjetiva é constituída por uma base que será um substantivo e o colocado um adjetivo.</p> <p align="center">BASE + COLOCADO</p> <p align="center">COLOCAÇÃO ADJETIVA → Substantivo + Adjetivo</p>
<p>A colocação verbal é apresentada por uma base a qual corresponde a um verbo o colocado um adjetivo / substantivo.</p> <p align="center">BASE + COLOCADO</p> <p align="center">COLOCAÇÃO VERBAL → Verbo + Adjetivo → Verbo (preposição) + Substantivo</p>
<p>A colocação adverbial pode aparecer de duas formas: a primeira o verbo corresponde à base e o advérbio é o colocado. Na segunda a base corresponde ao adjetivo e o colocado a um advérbio.</p> <p align="center">BASE + COLOCADO</p> <p align="center">COLOCAÇÃO ADVERBIAL → Verbo + Advérbio → Adjetivo + Advérbio</p>

Fonte: Santos (2011, p. 30).

Elaboração: Claudice Ferreira Santos

Dessa forma, a partir das classificações apresentadas, constatamos que o critério gramatical foi o determinado para as nomeações dadas às colocações, essas estão diretamente ligadas às classes gramaticais dos seus constituintes. Nos dedicamos, exclusivamente, as colocações de base verbal, pois é presente no *corpus* de análise de nossa pesquisa um número significativo dessas UFs.

3.4 UNIDADES FRASEOLÓGICAS DA LÍNGUA COMUM E DA LÍNGUA DE ESPECIALIDADE

O objeto de nossa pesquisa são as Unidades Fraseológicas da língua de especialidade (UFLE)⁹, mas é importante ressaltarmos a respeito das Unidades Fraseológicas da língua comum (UFLC)¹⁰. Segundo Santiago (2013, p. 59), “Esta divisão de caráter teórico-metodológico para os estudos referentes à fraseologia das línguas faz-se necessária, devido à grandeza e amplitude do tema.”

Para Bevilacqua (1996, p. 18)

[...] a LC é utilizada para o intercâmbio de índole geral, sem orientação específica dada por algum campo do saber. Seus usuários são os falantes de uma comunidade lingüística e a situação comunicacional é informal ou, segundo Cabré (1994:128), “não marcada” (BEVILACQUA, 1996, p. 18).

Em inúmeras situações em nosso cotidiano fazemos uso das UFLC sem pensarmos como se deu a sua construção, mas sabemos como utilizá-las e como empregá-las diariamente, em diferentes contextos desde expressões utilizadas na oralidade como em produções escritas, a saber: *além disso, dessa forma, nesse sentido* e também expressões habituais, como: *bom dia, boa tarde ou boa noite*. Saudações de cortesia utilizadas para saudarmos indivíduos em nosso convívio social.

Constatamos em diversos contextos a presença de UFs, sejam pertencentes ao grupo das UFLC ou UFLE estas estão inseridas em nossas vidas desde uma época remota.

Diferente da UFLC a UFLE, segundo Bevilacqua (1996, p. 18):

[...] a LE diz respeito a uma temática específica, ou seja, constitui-se no interior de determinada área do conhecimento. Seus usuários são, portanto, especialistas, e a situação comunicativa é formal, ou “marcada” (Cabré,1994:129), tendo como objetivo principal a transmissão da informação (BEVILACQUA, 1996, p. 18).

As UFLE por sua vez, estão diretamente ligadas a situações específicas de uso, com a utilização de termos característicos de estabelecida área do conhecimento. As expressões *fazer backup, decúbito dorsal, pede deferimento* são exemplos de UFLE, referente a informática, medicina e do direito. Segundo Bevilacqua (1996, p. 19):

⁹ Usaremos a sigla UFLE para nos referirmos a Unidades Fraseológicas da Língua de Especialidade.

¹⁰ Usaremos a sigla UFLC para nos referirmos a Unidades Fraseológicas da Língua Comum.

Embora seja possível estabelecer essa diferença fundamental entre ambas, na realidade, elas formam parte de um conjunto mais amplo, a língua geral, produzindo-se entre ambas uma intersecção contínua. Tal fato evidencia a dificuldade de se estabelecer limites precisos e fixos entre LC e LE, pois há elementos comuns entre elas e, mais que isso, situações de uso de uma e outra que, principalmente em relação ao léxico, tornam difícil a delimitação rigorosa entre ambas (BEVILACQUA, 1996, p. 19).

A divisão de termos que irão integrar a LC ou a LE, não é uma tarefa simples, tendo em vista que termos referentes a LE podem passar para à LC, como afere Bevilacqua (1996, p. 19):

É o caso da banalização de termos, unidades léxicas da LE, isto é, de sua passagem da LE à LC. Por exemplo, os termos “informática” e “disquete” que passam a fazer parte do vocabulário comum a partir da difusão do uso do computador (BEVILACQUA, 1996, p. 19).

Tal situação pode ocorrer também de maneira inversa a essa, ou seja, a unidade léxica da LC passa a integrar à LE. Nesse seguimento, há LE que estão mais próximas ou mais distantes da LC.

No Brasil, alguns pesquisadores dedicam-se em ambas as áreas. Tagnin (2013) desenvolveu o livro intitulado *O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português*. O delineamento ofertado às unidades linguísticas tratadas no livro está inserido no campo das UFs “[...] um dos ramos das ciências da palavra que tem por objeto de estudo as ‘unidades lexicais’ constituídas de dois ou mais vocábulos ou de sintagmas e de frases, com grau variável de lexicalização[...]” (BARBOSA, 2012, p. 249). A obra consta unidades convencionais com maior possibilidade de serem usadas por falantes nativos. Apresentando diversificadas categorias, como coligações que é “a combinação consagrada de um elemento lexical com uma categoria ou padrão gramatical” (TAGNIN, 2013, p. 53) binômios: *knife and fork* em inglês e *garfo e faca* em português e fórmulas situacionais, “as colocações, combinações lexicais consagradas de duas ou mais palavras de conteúdo”(TAGNIN, 2013, p. 59) divididas em adjetivas *outside chance* / hipótese remota, colocações nominais *bay leaf* / folha de louro, colocações verbais *make trouble* / criar problemas, colocações adverbiais *lavishly illustrated* / fartamente ilustrado. Além desse, destaca-se a autora Bevilacqua (1996), com a dissertação intitulada *A Fraseologia jurídico-ambiental* e Ximenes (2009), com o livro *Fraseologias Jurídicas: Estudo Filológico e Linguístico do Período Colonial* (2013), entre outros.

A respeito das UFLE Silvia Pavel (1993, p. 69) define: "por fraseologia da LE entendemos a combinatória sintagmática das Unidades Terminológicas doravante – UTs, pertencente a uma estrutura conceptual coerente. As UTs são consideradas como núcleos de

coocorrentes usuais ou privilegiados nos textos de uma especialidade”. Para a autora as UFLE apresentam um núcleo e esse pertence a uma área específica, Pavel apresenta ainda tipologias para as unidades, utilizando o termo núcleo como base e essas podem ser adjetiva, nominal ou verbal, ressalta que existe uma dificuldade em delimitar as UTs e as UF, essas podem ultrapassar o modelo determinado pela autora.

Blais (1993, p. 52) utiliza o termo fraseologismo para fazer referência a Unidades Fraseológicas elucidando-o como "a combinação de elementos lingüísticos, própria a um domínio, em que um deles é um termo núcleo, relacionados semântica e sintaticamente e para os quais existe uma restrição paradigmática”. O autor também apresenta tipologia para as unidades a partir do termo núcleo, a saber: termo núcleo + adj (*ruído surdo*), nome + termo núcleo (*golpe surdo*), nome + prep + art + termo núcleo (*vibração das rodas*), verbo + art + termo núcleo (*apertar o freio*), entre outros.

Daniel Gouadec (1994) usa o termo entidades fraseológicas para referir-se às UFs, não se preocupando em estabelecer critérios morfológicos, nem categorias. O autor inclui ao conjunto das unidades os “termos, locuções, grupo de palavras, expressões e proposições”. Gouadec ressalta ainda características importantes para reconhecimento dessas como: “a especialização, a repetição, o risco inerente à sua manipulação e a vantagem de dominar seu uso” (GOUADEC, 1994, p.167-168). Em sua concepção direcionada à terminologia propõe alguns critérios para identificação das Unidades Fraseológicas, a saber: a estereotipia e a frequência. A primeira surge a partir das condições de uso recorrentes em uma área” e a segunda, a frequência em que essas ocorrem em tal área. Para o autor as UFs são constituídas de elementos variáveis e invariáveis, o que evidencia a possibilidade de mudanças no interior da unidade como alteração na ordem, inserção ou supressão dos elementos. Os critérios de estereotipia, frequência e a ação de variáveis e invariáveis assumem o caráter da matriz.

Tendo em vista o critério da variação, as UFLE “[...] podem ser registradas através de padrões lógicos, nos quais as variáveis são representadas pelas incógnitas [x], [y] e [z].” (BEVILACQUA, 1996, p. 46). Para melhor compreensão, citamos, por exemplo a unidade *pede* [x] a [y] ou *pedir* [x] a [y]. À vista disso, o verbo destacado em itálico, é a parte que não varia. Pode-se ainda ter a notação em forma canônica (infinitivo), facilitando a variação morfológica, principalmente dos verbos. Nessa UFLE, ocorrem as variáveis *pede deferimento*, *pede vossa senhoria deferimento*. A Unidade Fraseológica citada ocorre em todos os autos pertencentes ao livro utilizado para desenvolvimento da pesquisa, comprovando critério da frequência.

Para Bevilacqua (1996, p. 101) “[...] as formas constituídas por verbos são mais facilmente identificadas como UFs do que as formas nominalizadas [...]” em nossa pesquisa seguiremos essa linha de raciocínio, por favorecer a identificação das UFs.

Feitas essas considerações a respeito das UFLC e UFLE, apresentaremos, a seguir, o tópico a respeito do glossário das UFs.

3.5 O GLOSSÁRIO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Inicialmente é importante ressaltarmos a diferença entre glossário, dicionário e vocabulário, visto que algumas definições se apresentam equivocadas, sinônimas e até mesmo *ipsis litteris* para esses termos.

O glossário está presente no nível da fala, por se tratar de obras constituídas por determinado grupo de elementos oriundo de um texto específico, apresentados por palavras¹¹. Barbosa (2001, p. 32) o define como o “repertório que define termos¹² de uma área, científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas.” O dicionário, por sua vez, está no nível do sistema, trabalha com léxico disponível, apresentando teoricamente lexemas¹³ com significados abrangentes e acepções de um verbete. Zavaglia (2012, p.239) define dicionário como uma “obra lexicográfica que apresenta uma relação de unidades lexicais organizadas e classificadas segundo critérios e princípios definidos, dependendo do seu objetivo ou escopo de criação e/ou uso”. Já o vocabulário está no nível da norma, trabalha com conglomerados manifestados incluso em uma área de especialidade, sua unidade é vocábulo ou termos, apresentando significado restrito e todas as noções de um verbete dentro de uma área específica. Segundo Barbosa (1990, p. 5), trata-se de um “repertório que inventaria os termos de um domínio e que descreve os conceitos designados por esses termos por meio de definições ou de ilustrações”.

Para uma melhor compreensão observemos o quadro a seguir elaborado por Fromm (2004) embasado em Barbosa (2001).

¹¹ Qualquer sequência significativa. (BIDERMAN, 1996, p. 832)

¹² São as unidades da terminologia. (BARBOSA, 1990, p.5)

¹³ Enquanto unidade-padrão do dicionário de língua, tem um significado abrangente. (BARBOSA, 2001, p. 40)

Quadro 4: Esquema de Classificação do Dicionário, Vocabulário e Glossário

Dicionário	Vocabulário	Glossário
<i>Nível do sistema</i>	<i>Nível da norma</i>	<i>Nível da fala</i>
Trabalha com todo o léxico disponível e o léxico virtual	Trabalha com conjuntos manifestados dentro de uma área de especialidade	Trabalha com conjuntos manifestados em um determinado texto
Unidade: lexema (significado abrangente; frequência regular)	Unidade: vocábulos/termos (significado restrito; alta frequência)	Unidade: palavras (significado específico; única aparição)
Apresenta (teoricamente) todas as acepções de um mesmo verbete	Apresenta todas as acepções de um verbete dentro de uma área de especialidade	Apresenta uma única acepção do verbete (dentro de um contexto determinado)
Perspectivas: diacrônica, diatópica, diafásica e diastrática	Perspectivas: sincrônica e sinfásica	Perspectivas: sincrônica, sintópica, sinstrática e sinfásica

Fonte: Fromm (2004, p. 2-3)

Elaboração: Guilherme Fromm (2004, p. 2-3)

Consonante Barbosa (2001, p.39), devemos classificar glossário, dicionário e vocabulário segundo os níveis de atualização da língua. Os dicionários de língua se encaixariam no nível do sistema, trabalhando com todo o léxico disponível e manifestando-se através do lexema. Os vocabulários (fundamentais, técnico-científicos e especializados) estariam no nível da norma e trabalham com conjuntos vocabulários (ou terminológicos), manifestando-se através dos vocábulos ou termos. Os glossários se encontrariam no nível da fala e trabalhariam com os conjuntos manifestados em determinado texto, manifestando-se através das palavras.

Adotamos em nossa dissertação a nomenclatura denominada glossário, a qual teve seu advento na Grécia Antiga com a incumbência de “definir o significado de palavras e expressões que tornavam difícil a leitura dos textos homéricos” (KRIEGER, 2006, p. 164). Nesse sentido, os glossários são resultados da seleção de vocábulos de uma determinada obra que tem como função a definição de palavras que desconhecemos ou que dificultam a leitura.

Apesar de existir diferença entre dicionário e glossário, estes se incluem nos estudos lexicográficos e podem apresentar estruturas semelhantes, como ressalta Pontes:

O texto lexicográfico se organiza em vários níveis estruturais, ou seja, constitui-se de uma estrutura global denominada megaestrutura, na qual se encaixam outras menores, como a microestrutura, a macroestrutura, o material interposto, a medioestrutura (PONTES, 2009, p. 66).

Faremos uma breve abordagem a respeito da organização estrutural de nosso glossário e os fundamentos teóricos básicos em que nos debruçamos para constitui-lo. Ingerimos da fonte

teórico-metodológica do fazer dicionário de Welker (2004), Damim (2005), Krieger (2006) e Pontes (2009).

A respeito da megaestrutura, macroestrutura, microestrutura e a medioestrutura, embasa-se em Pontes (2009, p. 66-67). A formação global do dicionário é denominada de megaestrutura, a qual acomoda componentes inferiores como: as laudas introdutórias composta pelos elementos preliminares, material anteposto. Em sequência a macroestrutura, as laudas finais (material posposto).

As laudas introdutórias são fundamentais, pois elas constam informações importantes a respeito da obra para os leitores e estão inseridas as características lexicográficas. Segundo Pontes (2009, p. 73), a macroestrutura (ou nomenclatura) “[...] é o conjunto de entradas organizadas verticalmente no corpo do dicionário”. Já Welker (2004, p. 167) chama a atenção para as características da macroestrutura, se essas conseguem ser definidas por meio do arranjo das entradas (será temático ou alfabético?), a respeito do formato dos verbetes (todos terão o mesmo formato?), sobre a inclusão de informações (haverá informações fora do bloco do verbete?). A ordem a ser seguida é uma decisão que cabe a cada autor, como afirma Welker (2004):

Cada autor pode ter um motivo para estabelecer uma determinada ordem; o essencial é que haja uma ordem e que ela seja seguida em todo o dicionário para que o consulente possa encontrar a expressão idiomática o mais rápido possível (WELKER, 2004, p. 167).

A microestrutura, por sua vez, está inserida na macroestrutura e

[...] é representada pelo conjunto de informações ordenadas e estruturadas, dispostas horizontalmente, após a entrada, dentro de cada verbete, e responde às perguntas sobre os significados das palavras (JOSINO, 2015, p. 62).

Welker (2004) distribui a microestrutura em duas categorias a abstrata e a concreta. A primeira é caracterizada pelo planejamento realizado antes da elaboração do glossário e a segunda caracteriza-se pela realização da forma como são dadas as informações, é a execução da microestrutura imaterial.

Damim (2005, p. 21) chama a atenção sobre o material interposto que pode ser representado por imagens, gráficos e mapas, tendo como principal função completar as ideias apresentadas na microestrutura que está inserida na macroestrutura. A respeito da medioestrutura a autora ressalta que essa equivale-se “[...] a um sistema de articulação entre a macro e a microestrutura e outros componentes do dicionário, como o material anteposto, o

material posposto e o material interposto” (DAMIM, 2005, p. 81). As notas remissivas constam nessa estrutura do glossário.

Nosso *corpus* de pesquisa é o livro *Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX: Autos de defloração*, permitindo-nos fazer um levantamento das unidades fraseológicas próprias desse gênero textual.

Inferimos que os trabalhos lexicográficos possibilitam que diversos pesquisadores tenham acesso às variadas informações contidas no códice de estudo. Desse modo, o glossário que elaboramos apresenta uma estrutura que auxilia a consulta de linguistas, filólogos, historiadores, profissionais do Direito e outros leitores que possam vir.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Apresentamos, nesta seção, todos os procedimentos adotados para a realização da pesquisa, em primeiro momento versamos sobre o *corpus* e sua descrição. Posteriormente, no segundo momento, discorreremos a respeito da ferramenta computacional *AntConc*, a qual foi utilizada para levantamento dos dados, apresentando frequência e contexto e a seleção dos fenômenos, sobre os quais nos debruçamos em estudo, as colocações de base verbal.

Para o estudo das UFs, tomamos os pressupostos teóricos de Corpas Pastor (1996). Para identificação das UFs usamos o critério da estrutura relativamente fixa, a frequência, a polilexicalidade e a presença de um verbo ou locução verbal (BEVILACQUA, 1996).

4.1 O DESPERTAR PELO *CORPUS*: A HISTÓRIA E A ESCOLHA

Nos processos envolvendo crimes de defloração ocorridos nas cidades de Feira de Santana, Tanquinho e Santa Bárbara, exclusivamente na década de 1900, no final do século XIX e início do XX, o cerne principal era a honra da família e da mulher, a virgindade feminina e os crimes sexuais contra as mulheres. Os debates a respeito da virgindade da mulher eram frequentes no Brasil e essas comprovações podem ser atestadas nos autos de defloração.

O livro *Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX: Autos de defloração* conta com uma compilação de seis (06) autos de defloração, documentos abundantes em informações a respeito de processos sobre jovens defloradas de diferentes idades, residentes em fazendas e povoados pertencentes a Feira de Santana – BA, Santa Bárbara e Tanquinho.

Os autos que compõem esse livro são: J. F. S (1900), S. M. J (1902), M. J. O (1903), S. S. L (1903), J. E. R (1907) e E. A. J (1907)¹⁴.

No primeiro auto consta o defloração da jovem J. F. S, de apenas 15 anos, residente na Fazenda Mocó – termo da cidade de Feira de Santana, filha de G. D. S e C. M. J. A menor foi ofendida por J. E. S, o ato resultou na gravidez da menor.

O segundo auto apresenta o defloração de S. M. J, a qual foi deflorada por B. M. A, menor de 17 anos, residente na Fazenda Lagoa – distrito de Santa Bárbara, com a mãe C. M. J. O réu cometeu o ato com o intuito de vingar-se da mãe de S.M.J que não aceitava o relacionamento, com esse empecilho S. afirma ter aceitado se entregar a B. a fim de que sua mãe aceitasse o casamento e que o réu continuava firme com a promessa de casamento. Após

¹⁴ As abreviaturas nos nomes das vítimas, familiares e réus foram utilizadas com a finalidade de preservar a identidade das partes envolvidos/as.

o ato B. fugiu para a Fazenda Rio de Passos, termo da cidade de Iará, deixando a menor grávida.

O terceiro defloramento é o de M. J. O, de 19 anos, filha de M. G. J, residente em Pedra do Descanso, termo de Feira de Santana. A menor foi deflorada por L. T, a vítima teve um relacionamento com o réu há 4 anos, quando os dois iriam casar-se, porém L. se envolveu em um roubo, ao ficar sabendo do acontecimento, M. J. O rompeu o noivado, passado o tempo o réu cometeu o crime para com a moça, afirmando que a vítima não se casaria com ele e nem com mais ninguém.

O quarto documento é o de S. S. L, menor de 7 anos, filha de A. J. L, residente em Tanquinho e fora deflorada pelo réu A. A. A. Embora em primeira instância tenha sido caracterizado como defloramento o que ocorreu com a menor S. S. L foi um estupro, pois, a menor não tinha um relacionamento com o réu e não houve consentimento para o ato.

O penúltimo auto é o de J. E. R, com 15 anos de idade, filha de S. S, residente na Fazenda Mungunza, termo de Feira de Santana. A menor foi deflorada por S. G. O, com o qual tinha um relacionamento, após descobrir o ato a mãe da vítima procurou o réu com o intuito de que ele reparasse o mal casando-se com J., porém S.G. O disse que não queria casar-se.

O sexto e último auto é do defloramento de E. A. J, com 18 anos de idade, filha de R. A. J, residente em Feira de Santana. A menor foi deflorada por T. M. O, seu noivo. O réu desistiu do casamento após o ato.

Com o propósito de organização, desenvolvemos um quadro, constando oito colunas, nas quais constam informações sobre os autos, a saber: nomeação dos autos, as autoras da edição filológica de cada auto, a localidade de residência das vítimas, as iniciais dos nomes das vítimas, o sexo, a idade, os pais e as iniciais dos nomes dos réus.

Quadro 5: Dados das Vítimas

NOMEAÇÃO DOS AUTOS	AUTORAS DA EDIÇÃO	RESIDENTE	VÍTIMA	SEXO	IDADE	PAIS	RÉU
Auto Nº 1	Bárbara Bezerra de Santana Pereira	Fazenda Mocó - Termo de Feira de Santana – BA	J. F	F	15 Anos	G. D. S e C. M. J	J. E. S
Auto Nº 2	Fernanda Assunção Dias Cerqueira	Fazenda Lagoa - Termo de Santa Bárbara – BA	S. M. J	F	17 Anos	C. M. J	B. M. A
Auto Nº 3	Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz	Pedra do descanso – Feira de Santana – BA	M. J. O	F	19 Anos	M. G. J	L. T
Auto Nº 4	Jacilene Marques Salomão	Tanquinho – BA	S. S. L	F	7 Anos	A. J. L	A. J. L
Auto Nº 5	Ivanete Martins de Jesus	Fazenda Munguzá – Termo de Feira de Santana – BA	J. E. R	F	15 Anos	S. S	S. G. O
Auto Nº 6	Anália dos Santos Brandão	Feira de Santana- BA	E. A. J	F	18 Anos	R. A. J	T. M. O

Fonte: elaborado pela autora

O termo *defloramento* é habitualmente utilizado como uma comparação ao rompimento da membrana hímen feminina, que significa desvirginar, perder a honra, esse ato é realizado, em muitos casos, com o consentimento da vítima enganada e muitas vezes iludida com promessas de casamento. O fato de perder a honra está diretamente ligado ao ato de que a vítima se entregou ao homem antes do casamento, ocasião em que deveria manter-se pura.

Os autos de defloramento são documentos jurídicos implantados pela Promotoria Pública para os casos de desvirginamento de jovens menores de idade (até 21 anos). O Código Penal de 1890 consta como primeiro tipo penal envolvendo sexualidade.

CAPITULO I

DA VIOLENCIA CARNAL

Paragraphe unico. Na mesma pena incorrerá aquelle que corromper pessoa de menor idade, praticando com ella ou contra ella actos de libidinagem.

Art. 267. Deflorar mulher de menor idade, empregando seducção, engano ou fraude: Pena - de prisão cellular por um a quatro annos.(CÓDIGO PENAL, 1890, p. 200)¹⁵

¹⁵ Capítulo I
Da violência Carnal

Dessa forma, o crime de defloração é um crime contra a honra, que assola a moral conservadora. Constata-se que até meados do século XX, existia uma verdadeira repressão para com as mulheres a respeito de seus atos e comportamentos femininos. A mulher era vista como um ser inferior que deveria se manter recatada, honesta e retraída em seu lar, não podendo ter relações sexuais com seu namorado antes do casamento, aquela que cometia esse ato e não se casasse era malvista pela sociedade da época e considerada uma desonra para toda a família. A honra feminina nesse período era considerada como um tesouro, o seu maior bem e que deveria guardá-la para um bom casamento.

O termo *honra* está ligado tanto à virgindade com maior relevância quanto à sua honra moral, pois as mulheres deveriam seguir padrões rígidos de comportamento impostos pela sociedade.

Apresentamos a seguir trechos do livro organizado por Queiroz (2018). A edição dos fólhos 12 verso e 13 recto, do auto de defloração de J.F de 1900, realizada por Pereira (2018, p. 34-35). Destacamos em círculos as características da mulher considerada honesta para a sociedade desse período.

[...] achar-se a dita menor Joanna, e recahia desde logo as mais vehementes suspeitas, sobre o denunciado como auctor desse crime, e isto não só porque a dita menor sempre viveu com todo o

f. 13r

13

todo o recato e honestidade, em comparando jámais a menor suspeita desairosa a sua honra, como porque, ao propar-se esse acontecimento, elle evitou frequentar a casa da dita menor.
Disse mais que sabe ter sido Candida de tal, mãe da menor, quem descobrira primeiro estar esta deflorada pelo denunciado, divulgando-se o mesmo factu entre toda a visinhança.

Parágrafo único. Na mesma pena incorrerá aquele que corromper pessoa menor de idade, praticando com ela atos de libidinagem.

Art. 267. Deflorar mulher menor de idade, empregando sedução, engano ou fraude:
Pena – de prisão celular por um a quatro anos.

Disse mais que é de parecer que foi o denunciado o auctor da infelicidade dessa menor, porque além de outras razões que o levou a isso a creditar, tem sciencia própria de que a dita menor procedia corretamente, vivia recatadamente em companhia de sua mãe e o unico com que ella namorava e parecia [...] o denunciado que tudo fasia promettendo casamento. E como nada mais disse mandou o Juis terminar este depoimento, que sendo lido e achando conforme assigna a rogo do depoente Daniel

(PEREIRA, 2018, p. 34-35)

As mulheres que fugiam do que era considerado “padrão” para a sociedade, se portando de maneira inadequada ou sendo deflorada, tinham a sua moral rechaçada. A honestidade e a moral de uma filha são também de sua família, principalmente do pai. Assim, quando uma filha era deflorada ou não aceitava os padrões impostos pela a sociedade, a moral do seu pai e da família estavam em desconfiança.

Embora as mulheres tenham conquistado espaço, atualmente, em pleno século XXI, estamos imersas em uma grande repressão contra o sexo feminino, de maneira mais tênue, mais presente. Aquela não está diretamente ligada à prática do sexo antes do casamento, mas segue um rumo paralelo e se insere na desigualdade de direitos e deveres.

4.2 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* deste trabalho refere-se ao segundo volume do livro intitulado *Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX: Autos de defloramento*, é a publicação dos resultados do projeto de pesquisa “Estudo histórico-filológico e artístico de documentos manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX”, desenvolvido na Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS, pelo Grupo de Edição de Textos e Núcleo de Estudos do Manuscrito – NEMA, coordenados pela Professora Doutora Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz. As edições apresentadas no volume foram desenvolvidas por bolsistas de Iniciação Científica - IC, por estudantes de pós-graduação *lato sensu* e pela coordenadora citada.

Nesse volume são expostas as edições semidiplomáticas de autos de defloramento, exclusivamente, seis autos de defloramento. Os documentos são de ordem jurídica, lavrados no

início do século XX, nos anos de 1901 a 1909, os quais estão sob a guarda do Centro de Documentação e Pesquisa – CEDOC, órgão da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

Figura 1: Capa do Livro

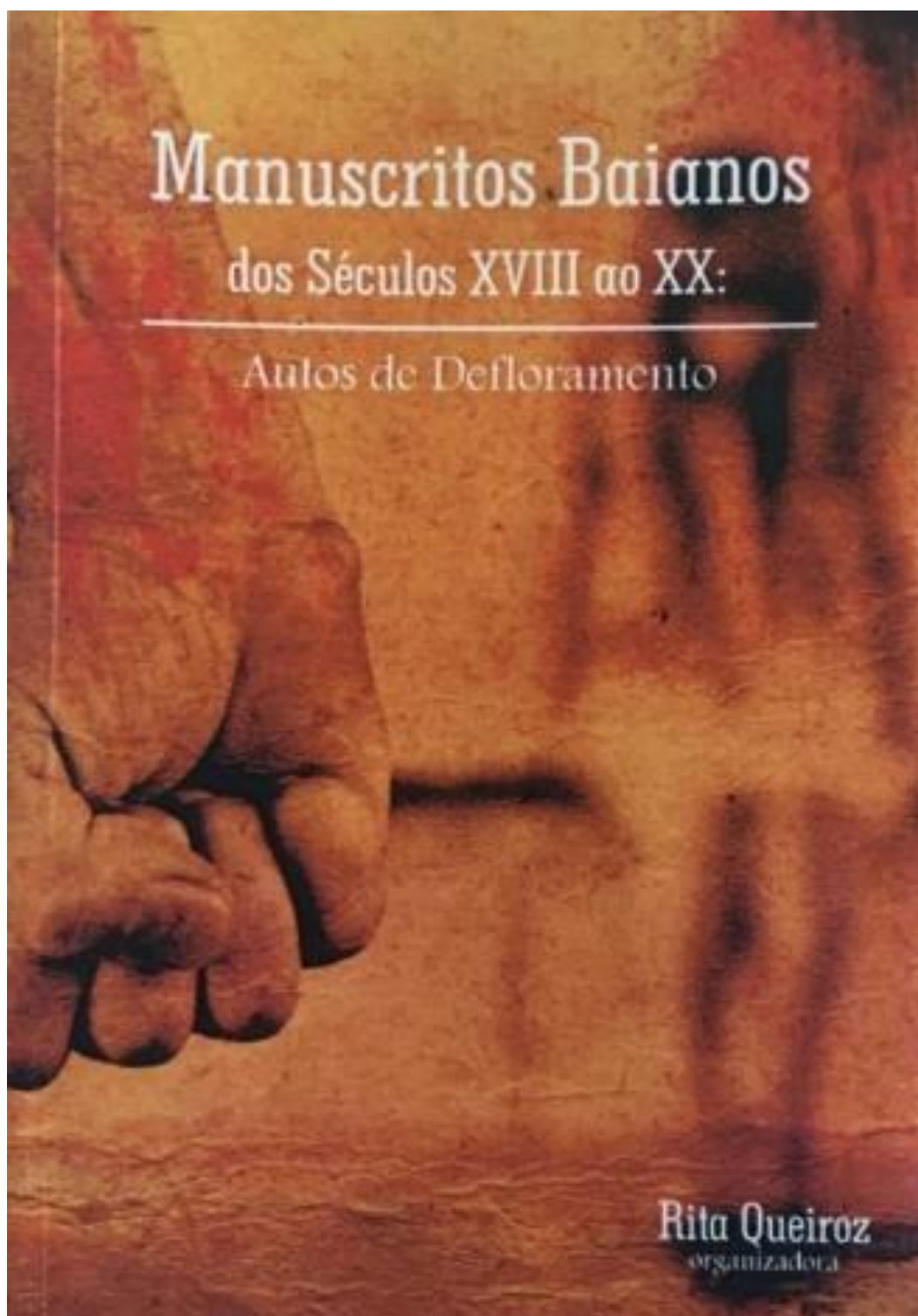


Foto: SANTOS, 2020.

4.3 AUTO DE DEFLORAMENTO

O documento denominado Auto de Defloração é característico da área do direito processual penal. Esse é resultado de uma queixa crime apresentada ao juiz de direito, por pais de vítimas de defloração. A denúncia retratada da construção e escritura do Auto, no qual as partes envolvidas – denunciado, denunciante, vítima e testemunhas – aguardam o julgamento do crime.

Com base em Ximenes (2009, p. 184), em geral a organização do texto dar-se da seguinte forma: uma introdução, algumas informações da denúncia, identificação do réu, da vítima e nomeação dos peritos. Em sequência, apresenta o auto de perguntas da ofendida, a descrição do exame de corpo de delito, uma assentada com informações da denúncia e intimação das testemunhas, o rol das testemunhas com um total de 3-6 testemunhas por Auto, a conclusão e as custas do processo. A seguir, apresentamos a edição de três fólios do Auto N° 2 do livro *Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX: Autos de defloração*.

Anno de mil
 novecentos e dois; nos vinte
 quatro de março, nesta
 cidade da feira de Sant' An-
 an faço autuação de de-
 núncia, que se segue, do
 que faço este termo. Eu
 Annibal José pereira Bor-
 ges, escrivão escrevi

Illustrissimo senhor doutor juiz de direito
 D. e A, aceito a denuncia para iniciar-se
 a instrução da culpa; expeça de mandado para
 a intimação das testemunhas, afim de deporem
 no dia, hora e lugar que designar o escrivão
 O promotor publico, no exercício de suas atri-
 Buições ,vem perante *vossa senhoria* denunciar a Bernardo
 da Motta Aragão, por ter deflorado a menor
 Saturnina Maria de Jesus, na fazenda denomi-
 nada lagôa, do destricto de *santa* Barbara deste termo
 onde reside a dita menor com a sua mãe Catharina
 Maria de Jesus, facto este dado em novembro
 do anno próximo passado: o denunciado assim proce-
 dendo inscrito nas penas do artigo 267 do código
 penal.

E para que o mesmo seja punido se offerece a presente

(CERQUEIRA, 2018, p. 1-3).

Assentada

Aos dez dias do mez de fevereiro de mil novecentos e dois, n'este arraial de Santa Barbara em casa do subcommissario *Tenente Coronel* Napoleão Ferreira de Lima, onde eu escrivão de seu cargo fui vindo, ahi presente o mesmo juiz forão inqueridos as testemunhas como adiante se vê, do que para constar faça este termo. Eu Aurelio Ferreira de Oliveira, escrivão que escrevy

f.8r

Testemunhas offerecidas por
Catharina Maria de Jesus
mãe da offendida Saturnina
Maria de Jesus

1ª Testemunha

Manuel Pedro de Araujo idade de quarenta e quatro annos, casado, natural e residente no districto de Santa Barbara, vive da lavoura. testemunha jurada na forma da Lei. Perguntada se sabe ou ouviu dizer quem fora o autor do defloramento de Saturnina Maria de Jesus? Respondeu que sabe por bocca propria de Bernardo que lhe dissera ter Sido elle o autor do crime. Perguntada qual o motivo de elle assim proceder? Respondeu que lhe tinha dito a elle testemunha, se isto fez porque a mãe de Sartunina não queria que Bernardo casasse com sua filha e que em despeito elle o deflorou-a, e conhecendo que ella estava grávida retirou-se para casa de Luduvino Pereira de Britto na fazenda Rio dos Possos, ter-

mo da cidade do Irará.
E por nada mais ser pergun-

f.8v

Perguntado e nem respondido
deu-se por findo este depoimento
assignando-se com o juiz.
Eu Aurelio Ferreira de Oliveira
escrivão que escrevi
Assinatura
Manuel Pedro de Araujo

2º Testemunha

Francisco Pereira de Carvalho
Idade de vinte seis annos, ca-
sado, natural e residente no
districto de Santa Barbara
lavrador, testemunha
jurada na forma da Lei
perguntada se sabe
quem deflorou Saturnina
Maria de Jesus? Respon-
deu que sim, que estando
elle testemunha em casa de
Bernardo sendo este seu cunha-
do e morarem juntos, ouviu
Bernardo dizer a Manuel
Pedro de Araujo que tinha
Deflorado a Saturnina
Maria de Jesus
e que tinha assim pro-
cedido para vingar-se
com a mãe da mesma
visto não querer o casamento.
Perguntada se Bernardo

f.9r

continua a tela em sua compa-
nhia? Respondeu que não, ri-
tirou-se para companhia de
Luduvino Pereira de Britto
no lugar denominado Rio
dos Possos, no termo da cidade
do Irará. E por nada mais
ser perguntado nem
respondido deu-se por fin-
do este depoimento, assi-
gnando a seu rogo João
Miranda, com o juiz do que
dou fé. Eu Aurélio fer-

reira de Oliveira, escrivão
 que escrevy
 Assinatura
 João Miranda

3° Testemunha

Jorgeia Maria de Jesus, idade
 de quareta annos,natural e
 residente neste districto,vive
 da lavoura.testemunha jurada
 na forma da Lei.
 Perguntado se sabe quem
 foi o autor do defloramento de
 Saturnina Maria de Jesus?
 Respondeu que foi Bernardo

f.9v

Aragão? Perguntado se sabe o
 Motivo d'elle ter feito isto?
 Respondeu que elle Bernardo
 estando para se casar com a
 offendida, e como a mãe da
 mesma obtasse o casamento
 resolveu elle deflora-la para
 assim ficar satisfeito.pergun-
 tado se Bernardo continua
 residir,n'este districto?respon-
 deu que não. Perguntado
 se sabe onde está? Respon-
 deu que foi para companhia
 de Luduvino Pereira de Britto
 no lugar denominado Rio
 dos Possos termo da cidade
 do Iará. E por nada mais
 ser perguntado nem respondi-
 do deu-se por findo este depoimen-
 to no qual assigna a seu
 rogo Sergio Miranda;com
 o juiz do que dou fé. Eu
 Aurelio Fereira de Oliveira
 Escrivão que escrevy
 Assinatura
 Sergio Miranda

f.10r

Termo de conclusão
 Faço concluso destes autos
 Ao subcommissario de policia
 Santa Barbara 11 de fevereiro,
 de 1902 Eu Aurelio Ferreira
 de Oliveira,escrivã que
 Escrevy
 Termo de conclusão
 Entregue-se o presente inquérito á parte, onde pen-
 dentissimo de traslado,visto tratar-se de crime
 Particular
 Santa Barbara 11 de fevereiro de 1902
 Napoleão Freire de Lima

Termo de data

E no mesmo dia mez e anno
 Por parte do subcomissário
 de policia *Tenente Coronel* Napoleão Freire
 de Lima me foi entregue este
 autos com o despacho supra
 eu Aurelio Ferreira de Oliveira
 escrivão que escrevy

Termo de entrega
 Aos onze dias do mez de fevereiro
 de mil novecentos e dois, faça entrega
 destes autos a parte, em virtude
 do despacho supra. Santa Bar-
 bara 11 de fevereiro de 1902. Eu
 eu Aurelio Ferreira de Oliveira escrivão que escrevy

(CERQUEIRA, 2018, p. 8-10).

Normalmente, os Autos de Defloração seguem essa estrutura. Mas, vale ressaltar que alguns autos apresentam uma ordem diferente e a inserção de outros textos como várias assentadas no transcórre do documento, termo de data, termo de entrega, vistas, remessas e publicação. Para uma melhor organização do glossário adotamos a estrutura do gênero auto de defloração como: apresentação, introdução, desenvolvimento, conclusão e custas. O gênero auto é riquíssimo em detalhes desde a sua estruturação a constituição dos sujeitos.

Ximenes (2009, p. 186) destaca que “A linguagem, apesar de formal, muitas vezes revela reflexos da oralidade, em que podemos observar traços da fala das pessoas, expressando o modo de pensar e de viver o período”.

É notório nos Autos a presença desse fenômeno como em *commetteu* no fôlio 41r, no A N°4 e *commetteo* no fôlio 70r no mesmo Auto ocorrendo a substituição do grafema <u> pelo grafema <o> indicando uma variação grafofonética. Esses, entre outros traços, como outros de variação gráfica são comumente encontrados nesses documentos, enfatizando a relevância das informações contidas nos Autos.

4.4 A EDIÇÃO - SEMIDIPLOMÁTICA

Os Autos que compõem o livro, conforme dito anteriormente, foram editados por bolsistas de Iniciação Científica – IC, por estudantes da pós-graduação *lato sensu* e pela coordenadora do projeto de pesquisa “Estudo histórico-filológico e artístico de documentos manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX”.

O Auto N° 1 foi editado por Bárbara Bezerra de Santana Pereira é professora assistente da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, Jacobina, na qual ministra disciplinas da área de Filologia. Possui trabalhos na área de Filologia Textual, realizando edições e análises linguísticas de documentos notariais do sertão baiano. Segue atualmente em pesquisa acerca da transmissão de texto literário em livros didáticos.

Já o Auto N° 2 foi editado por Fernanda Assunção Dias Cerqueira, tem experiência na área de História, com ênfase na linha de pesquisa de História de Gênero e História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: filologia, auto de defloramento, relação de gênero, representatividade feminina, auto de defloramento e discurso jurídico.

O Auto N° 3 foi editado pela Prof^a. Dr.^a Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz, a qual possui pós-doutorado em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP, mestrado e graduação em Letras pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora Titular Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

O auto de N° 4, por sua vez, editado por Jacilene Marques Salomão foi bolsista no projeto de pesquisa Documento Jurídico do Século XX Sob as Práticas Filológicas: Análise do Discurso Jurídico e Edição do Auto de Defloramento de Maria Nerys da Costa. Núcleo NEMA/UEFS. Atualmente é professora na Escola Municipal Antonieta Alfarano.

O auto de Nº 5 foi editado por Ivanete Martins de Jesus. Graduada em Letras Vernáculas na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. Possui experiência como monitora de cursinhos pré-vestibular em Língua Portuguesa, monitora de Letramento no Projeto mais Educação, contadora de estórias e ministrante de oficinas.

E, por último, o Auto Nº 6 foi editado por Analídia dos Santos Brandão, a qual participou como bolsista de Iniciação Científica/ PIBIC-CNPQ no projeto de pesquisa intitulado "Estudo histórico, filológico e artístico de documentos manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX", no qual realizou edições e estudo do léxico em documentos cíveis. Possui trabalhos publicados na área de Filologia Românica e Estudo do Léxico. É Membro do Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL (GTLex).

A edição de textos é um dos principais objetivos da ciência filológica moderna. Através desta são preservadas todas as informações inerentes aos documentos como a história, o léxico e a cultura de determinado grupo social. As autoras fizeram a edição semidiplomática que, para Cambraia (2005), também pode ser chamada de paleográfica, paradiplomática ou diplomática interpretativa. No que lhe diz respeito, a edição semidiplomática consiste em uma transcrição de todo o documento obedecendo fidedignamente o texto: como grafia, número de fólios, linhas entre outros, critérios esses estabelecidos a priori pelo Grupo de Edição de Textos - GET. Nessa edição a interferência do editor é mínima. Para a composição do livro, as intervenções foram apenas desdobrar as abreviaturas, separar as palavras unidas e unir as separadas, o que não prejudica o conteúdo do documento, contribuindo dessa forma com a preservação das informações nele constantes.

Apresentamos no quadro a seguir, composto por nove colunas, informações detalhadas da composição dos autos, a saber: o número do auto, a datação do auto, os juízes que participaram do processo, os promotores, os escrivães que, a depender do auto, constam em mais de um, os peritos responsáveis pelo exame de corpo de delito, o vigário, o lançador e o coletor.

4.5 DAS MÃOS QUE O ESCREVERAM E O CONCEBEM: OS ESCRIVÃES

Todos os indivíduos que participaram dos processos contribuíram de uma certa forma para a sua construção. Os denominados auxiliares da justiça segundo os artigos 149 -187 do Código de Processo Civil são:

Art. 149. [...] auxiliares da Justiça, além de outros cujas atribuições sejam determinadas pelas normas de organização judiciária, o escrivão, o chefe de secretaria, o oficial de justiça, o perito, o depositário, o administrador, o intérprete, o tradutor, o mediador, o conciliador judicial, o partidor, o distribuidor, o contabilista e o regulador de avarias. (CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL, 2015, p.61)

Nesse sentido, a Justiça não poderia funcionar por si só, é extremamente importante ao lado do juiz, a presença desses indivíduos auxiliando-o na realização dos atos processuais. Os escrivães presentes nos Autos são oito, a saber: Annibal José Pereira Borges, Aurélio Ferreira de Oliveira, Antonio Pedro de Vasconcelos, Alexandre Teixeira de Sant'Anna, Augusto Alves de Abreu, Daniel Borges de Meireles, Amelio Vasconcellos e Aurelio Vasconcelos. Em meados dos séculos XVIII ao XX o escrivão era como uma autoridade que detinha privilégios, o seu cargo era por apadrinhamento de uma autoridade superior.

Todos os povos falam e alguns escrevem. Inteiramente os povos dos quais temos entendimento e até mesmo os quais não temos conhecimento é mais corroborável que falavam, porém uma pequena exceção escrevia, poucas eram as pessoas que possuíam aptidões para a escrita e, conseqüentemente, para a leitura. Josino (2015, p. 78) complementa que

O profissional escriba possuía as habilidades da leitura e da escrita. Estas eram mérito de pouquíssimas pessoas e agregavam grande valor a esse profissional, situando-o na elite colonial e no cenário administrativo-judiciário. Os funcionários da administração dispunham, segundo Salgado (s.d., p. 76), “[...] de uma série de oficiais menores, que os auxiliavam no exercício de suas funções, tais como escrivães (para escrever os autos dos processos), tabeliães (para garantir a validade dos documentos) [...]”. O escrivão tinha autoridade de atribuir fé pública aos documentos, de emitir certidões e afirmar sua validade. (JOSINO, 2015, p. 78)

Constatamos essas características dos escrivães nos Autos de Defloramento como observamos abaixo no Auto N°2, fólho 13 verso.

f.13v

Data
Aos vinte quatro de março
de mil novecentos e dois.
Foram me entregue estes
Autos pelo distribuidor
[...] nato; do que faço este
Termo. Eu Aníbal José Pe-
Reira Borges, escrivão escrevy
Certifico que dei sciencia
ao doutor promotor publico
do dia que tem de depor as
testemunhas deste processo, bem
assim do exame ordenado
no despacho dado na [...] as
folhas duas. Feira, 8 de abril
de 1902

O escrivão Aníbal José
Pereira Borges

(CERQUEIRA, 2018, p. 41)

A escrita existe há cerca de no máximo 5 - 6 mil anos, é uma supremacia recente em suas diversas formas de manifestações. O trabalho realizado pelos escrivães era fundamental para os registos de acontecimentos de épocas pretéritas e graças a esses é que dispusemos de informações riquíssimas e de um legado linguístico, cultural e social tão variado como os apresentados nos processos criminais. Alguns autos apresentavam a grafia de mais de um escrivão, como podemos observar na tabela a seguir, em que organizamos os nomes dos escrivães e o(s) auto(s) em que fizeram parte.

Quadro 6: Distribuição dos escrivães por Auto de Defloração

ESCRIVÃES	AUTO(S)
Annibal José Pereira Borges	Nº 1, Nº 2, Nº 3, Nº 4 e Nº 5
Aurélio Ferreira de Oliveira	Nº 2
Antonio Pedro Vasconcellos	Nº 3 e Nº 4
Alexandre Teixeira de Sant'Anna	Nº 3 e Nº 5
Augusto Alves de Abreu	Nº 3 e Nº 4 e Nº 1
Daniel Borges de Meirelles	Nº 4 e Nº 6
Amelio de Vasconcelos	Nº 5
Aurelio de Vasconcelos	Nº 6

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 7: Dados dos Constituintes dos Autos

AUTO	DATA	JUIZ	PROMOTOR	ESCRIVÃES	PERITOS	VIGÁRIO	LANÇADOR	COLETOR
Nº 1	1900	Francisco de Souza Dias	Moyses de Almeida e Miguel Ribeiro de Oliveira	Annibal José Pereira Borges	Fabio Lyra dos Santos e Manoel Marcolino da Silva	Grigorio Pereira da Silva Moraes	Benigno José de Rezende	José Alves Franco
Nº 2	1902	Francisco de Souza Dias	Moises Eupidio de Almeida	Annibal José Pereira Borges e Aurelio Ferreira de Oliveira	Fabio Lyra dos Santos e Manoel Marcolino da Silva	-	-	José Alves Franco
Nº 3	1903	Francisco de Souza Dias e Godofredo Figueiredo	João Vicente Bulcão Vianna	Annibal José Pereira Borges, Antonio Pedro Vasconcelos, Alexandre Teixeira de Sant'Anna e Augusto Alves de Abreu	Fabio Lyra dos Santos e Manoel Marcolino da Silva	-	-	José Alves Franco
Nº 4	1903	Francisco de Souza Dias	João Vicente Bulcão Vianna	Annibal José Pereira Borges, Amelio de Vasconcelos, Alexandre Teixeira de Sant'Anna e Augusto Alves de Abreu	Fabio Lyra dos Santos e Manoel Marcolino da Silva	-	Benigno José de Rezende	José Alves Franco
Nº 5	1907	Francisco de Souza Dias e Godofredo Figueiredo	João Vicente Bulcão Vianna	Annibal José Pereira Borges, Amelio de Vasconcelos, Alexandre Teixeira de Sant'Anna	Manoel Marcolino da Silva e Pedro Almeida de Brito	Antonio Campos Nogueira	-	José Alves Franco
Nº 6	1907	Godofredo Figueiredo	João Vicente Bulcão Vianna	Aurelio Vasconcelos e Daniel Meireles	Fabio Lyra dos Santos e Manoel Marcolino da Silva	-	-	José Alves Franco

Fonte: elaborado pela autora

4.6 A FERRAMENTA *ANTCONC*

A ferramenta computacional *AntConc* é um software disponibilizado livremente na internet para instalação em computadores com versões para Windows, Macintosh OS X e Linux.

Figura 2: Programa *AntConc*

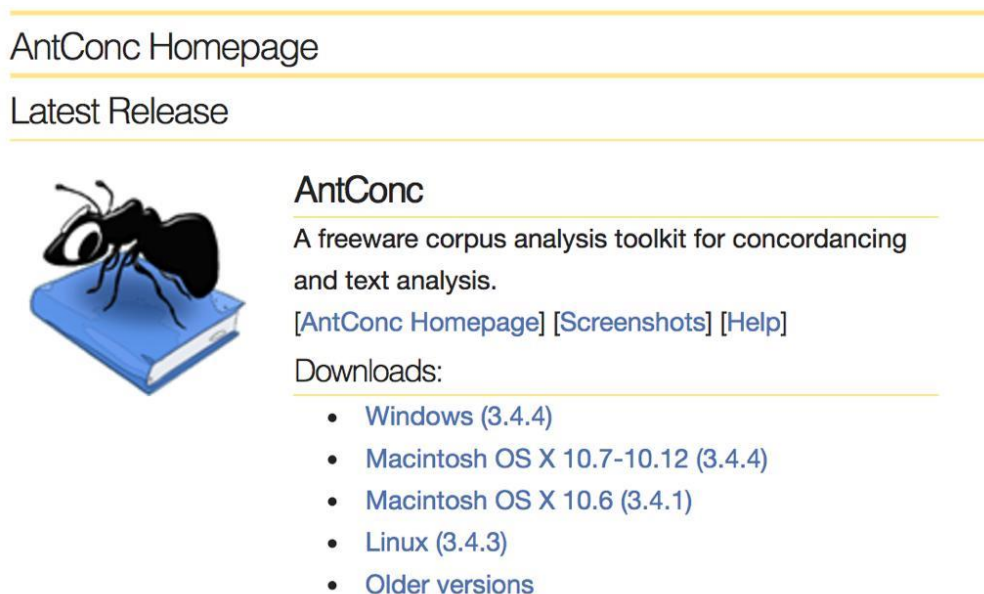


Foto: Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em: 25 de Jun. 2020.

O primeiro é um sistema pago, com um valor acessível muito utilizado por brasileiros, pelo seu fácil manuseio. Já o Mac OS X, ao contrário do Windows, é considerado muito caro, porém muito eficiente. O Linux, por sua vez, é um sistema que se diferencia dos demais por ser gratuito e por exigir um maior entendimento de computação para operá-lo, esse apresenta ainda uma abertura em seu código, ou seja, é acessível para que outros programadores possam utilizá-lo e possivelmente possam criar novos sistemas com o núcleo do Linux.

A partir do *AntConc* conseguimos realizar análises na área da linguística, especificamente em linguística de *corpus* e linguística aplicada. Kader e Richter (2013, p. 21) complementam que o programa “[...] é um conjunto de ferramentas que permite buscas e faz o cálculo estatístico das ocorrências das palavras em um corpus escrito, desenvolvido por Laurence Anthony, da Faculty of Science and Engineering - Waseda University”.

Os autores acrescentam ainda que:

O AntConc é um programa que analisa automaticamente textos, caracterizando-se como uma ferramenta que facilita a coleta e a análise de dados. Não é necessário fazer nenhuma instalação, pois o programa consiste em apenas um arquivo (de 3,67MB) que é executado com um duplo clique de mouse e que possibilita a extração de informação textual (lista de frequência de palavras, concordâncias) (KADER e RICHTER, 2013, p. 21).

Nesse sentido, baseado em sua funcionalidade e facilidade de manuseio o programa foi fundamental para a coleta e análise dos dados do *corpus*. Antes de começarmos a usá-lo foi necessária uma configuração do programa, pois o *corpus* da pesquisa em questão é em português e o programa vem todo em inglês e configurado para textos no mesmo idioma.

Vale frisar que em trabalhos filológicos, após realizadas as edições, é necessário fazer uma limpeza do *corpus* dependendo da edição e dos critérios utilizados, como interferências nas palavras separadas que foram unidas e nas unidas que foram separadas.

Salgado (2011, p.8) apresenta algumas discussões em seu trabalho após a testagem da ferramenta AntConc e ressalta algumas prerrogativas como:

- o tamanho pequeno do arquivo, que permite um download rápido (mesmo com conexões à internet de baixa velocidade) e não ocupa muito espaço em disco;
- o fato de não haver necessidade de instalação e licenciamento;
- ser um freeware com versões para diferentes sistemas operacionais;
- a facilidade de uso, que permite acessar várias funcionalidades em uma mesma interface, com apenas um clique (SALGADO, 2011, p. 8).

Com essa ferramenta computacional é possível realizar diversas listas de concordância e a retirada de palavras sem limites. O *AntConc* é software bastante eficaz para as análises linguísticas, mais especificamente para a linguística de *corpus*.

4.7 DO ESTUDO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Embora as pesquisas a respeito das Unidades Fraseológicas ainda sejam poucas, essas podem acontecer por diversos viés, podemos citar o Léxico, a Cultura e a Lexicologia, os quais estão diretamente ligados.

Na seção seguinte abordamos a respeito da coleta e seleção das Unidades Fraseológicas e dos critérios adotados para a identificação dessas a partir do meio escrito e pertencente à esfera jurídica.

4.7.1 A Seleção e a Coleta das Unidades Fraseológicas - UFs

De acordo com o que mencionamos anteriormente, os critérios que adotamos para a identificação das UFs foram a partir dos pressupostos teóricos de Corpas Pastor (1996). Para a identificação das UFs usamos o critério da estrutura relativamente fixa, a frequência, a polilexicalidade e a presença de um verbo ou locução verbal (BEVILACQUA, 1996). Utilizamos a ferramenta computacional *AntConc* para o levantamento dos dados.

Com o intuito de organização das UFs, elaboramos uma ficha para alocarmos os dados.

Quadro 8: Modelo de Ficha Fraseográfica utilizada

Auto:	
I.	Verbo ou locução verbal – UF
II.	Var. 1
III.	Var. 2
IV.	Ocorrência no <i>Corpus</i>
V.	Definição:
VI.	Contextos:
VII.	Nota:

Fonte: elaborado pela autora

Em seguida, realizamos a coleta das UFs, exclusivamente as colocações de base verbal, seguindo os critérios que adotamos com o suporte do programa *AntConc*, e compilando-as na ficha desenvolvida. Exibe-se o auto do qual foi coletado, sua ocorrência no *corpus*, seguido do contexto e suas variantes. E por fim desenvolvemos uma tabela apresentando a quantidade de colocações coletadas em cada Auto e a elaboração do glossário das UFs.

4.7.2 A Organização do Glossário

No que se refere à organização do nome e das definições, apoiamo-nos nos fundamentos propostos por teóricos que trabalham com elaboração de glossários, exclusivamente, do léxico especializado.

Estabelecemos a macroestrutura (ou nomenclatura), quinhão que corresponde às entradas do glossário, seguindo a estrutura e formação do gênero auto de defloração, dessa forma, não elegemos o critério da ordem alfabética como organização das entradas. Para a inserção das UFs no glossário, consideramos a frequência e o segmento em que estão inseridas. Seguimos a ordem dos autos que constituem o livro, primeiramente o A Nº 1, seguido por A Nº 2 e assim sucessivamente. Como mencionamos anteriormente, a estrutura do gênero não segue um padrão íntegro e bem definido em todos, mas seguiremos a decorrente austeridade:

1. Apresentação
2. Introdução do Auto
3. Desenvolvimento do Auto
4. Conclusão do Auto
5. Custas

Cada segmento se qualifica por UF, que se exhibe como fórmulas discursivas de abertura, fazendo com facilidade o reconhecimento das partes dos Autos. A seleção, a coleta e a organização das UFs não foi uma atividade fácil e nesse momento o auxílio da ferramenta computacional *AntConc* nos foi de grande valia.

Vale frisar que, para organizarmos a estrutura do glossário, contemplamos as características das Unidades Fraseológicas da língua de especialidade, pois os autos se incluem em autênticos textos especializados, ademais atentamos para a estrutura relativamente fixa, a frequência, a polilexicalidade e a presença de um verbo ou locução verbal.

Como método de organização da microestrutura, elegemos alguns critérios com base em Josino (2015), que se adaptasse às particularidades do nosso *corpus*, às peculiaridades das UFs selecionadas e às exigências apresentadas.

Inicialmente, optamos pela lematização dos lexemas que integram as entradas. Por se tratar da classe de palavras verbo ou locuções verbais,

a entrada foi lematizada no infinitivo com fonte **em negrito**, acrescida dos complementos verbais e/ou das formas variantes, quando houve, representados pelas incógnitas [x], [y] e [z], inseridos entre colchetes e *em itálico*, colocados à esquerda ou à direita, conforme ocorrência na fraseologia (JOSINO, 2015, p. 111).

Em sequência, abaixo da entrada, inserimos a UF, ainda lematizado(a), **em negrito**, somado(a) às formas complementares e/ou variantes, agora explicitadas, *em itálico* e entre colchetes, também à direita ou à esquerda. Em seguida, há a fraseologia propriamente dita, com a estrutura sintática utilizada no texto, com ortografia fidedignamente igual ao *corpus* e em itálico [...] Após a UF mais recorrente, vêm as suas formas variantes (**Var. 1, Var. 2**), dos autos em que ocorrem e como se apresentam no texto. Em seguida, apresentamos a ocorrência no *corpus*, ou seja, os autos em que ocorrem as UFs. Para elaborarmos o glossário, baseamo-nos em dicionários da língua comum, dicionários da língua de especialidade do Direito online e, principalmente, nos próprios documentos.

Posteriormente, incluímos os contextos (**Cont.**) em que as UFs ocorrem nos autos, vale ressaltar que não apresentamos todos os contextos empregados, seguidos pela numeração do fólio e da linha do auto e da página do livro: auto (Nº), linha (L), fólio (fl.) e página (p.).

Quando houver a sinonímia (Sin.) será “[...]informada logo após os contextos das UFs. Entendemos esse fenômeno, quando da substituição de um elemento da base UF por outro cujo sentido é equivalente (JOSINO, 2015, p 111).

Por fim, temos o sistema de notas. “[...]Importa-nos destacar que a indicação da nota será sempre feita [...] **em negrito**” (JOSINO, 2015, p 111). Ressaltamos que as notas só foram apresentadas quando houve a necessidade de algum esclarecimento ou acréscimo de informação e essas não foram usadas como critério obrigatório.

Seguidamente, apresentamos o glossário que elaboramos, a fim de expor o trabalho realizado.

5 GLOSSÁRIO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Nesta seção de nossa dissertação, apresentamos o produto final, o glossário das Unidades Fraseológicas da língua de especialidade que mais aparecem nos Autos de defloração que constituem o livro intitulado *Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX: Autos de defloração*. De acordo ao mencionado precedentemente, as UFs estão estruturadas onomasiologicamente, conforme o segmento em que estão inseridas, a saber: apresentação, introdução, desenvolvimento, conclusão e custas. Consideremos a realização do nosso glossário das Unidades Fraseológicas.

5.1 SEGMENTO 1: APRESENTAÇÃO

Fazer autuação

Fazer autuação

faço autuação da denuncia ...

Var. 1: faço autuação da denuncia

Var. 2: faço autuação da queixa

Var. 3: faço autuacao do inquerito

Ocorrência no corpus: A N° 1, A N° 2, A N° 3 e A N° 4

Definição: Trata-se do primeiro ato de documentação do processo, em que depois de registrada na distribuição ou de despachada pelo juiz, a petição inicial vai ao escrivão ou ao chefe de secretaria. Este ato consiste em colocar uma capa sobre a petição, na qual será lavrado um termo que deve conter o juízo, a natureza da causa, o número de seu registro nos assentos do cartório, os nomes das partes e a data do seu início. Dessa autuação surge um volume em que se vão acrescentando, sucessivamente, todas as petições e documentos relacionados com a causa. Sempre que o volume inicial se tornar muito grande, outros serão abertos, com novas autuações. Além do mais, compete ao escrivão ou ao chefe de secretaria numerar e rubricar todas as folhas dos autos principais e suplementares. É facultado, também, às partes, ao procurador, ao membro do Ministério Público, ao defensor público e aos auxiliares da justiça rubricar as folhas correspondentes aos atos em que intervierem. Desenvolver algo a partir de uma ação ou efeito de autuar; ato de colocar em processo.

Cont. 1 [...] faço autuação da denuncia despachada que adiante se segue <A Nº 1, L. 26-28, fl. 1r, p. 19>

Cont. 2 [...] Feira de Sant1Anna em meu cartorio, faco autuação da queixa, que se segue, do que faco este termo Eu Anibal Jose Pereira Borges, escrivão <A Nº 3, L. 24-28, fl. 1r, p. 101>

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva de abertura ou apresentação do auto. Esta fórmula aparece no primeiro fólio de quase todos os autos e seus elementos são dispostos sempre na mesma ordem sintática. Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Fazer este termo

Fazer este termo

Do que faço este termo...

Var. 1:

Ocorrência no corpus: A Nº 1, A Nº 2, A Nº 3, A Nº 4, A Nº 5 e A Nº 6

Definição: Parte do auto de defloramento, aparece sempre no primeiro fólio, após feita a denúncia sempre elenca ao final da apresentação do processo esta UF.

Cont. 1 [...] Anno de mil e novecentos, aos 11 de dezembro de mil e novecentos faco autuacao da denuncia despachada que adiante se segue do que faco este termo. Eu Anibal Jose Pereira Borges, escrivao, escrevi. do que faço este termo <A Nº 1, L. 28-29, fl. 1r, p. 19>

Cont. 2 Juntada Aos trese de fevereiro de mil novecentos e um faco juntada a estes autos do mandado que se segue do que faco este termo. Eu Anibal Jose Pereira Borges <A Nº 1, L. 28-33, fl. 14r, p. 37>

Cont. 3 [...] foram-me entregues estes autos com o despacho retro do que faco este termo <A Nº 1, L. 7-8, fl. 20r, p. 48>

Cont. 4 [...] que formavam o Conselho de sentenca, em seos respectivos logares do que faco este termo. Eu Augusto Alves de Abreu escrivão do Jury escrevi <A Nº 4, L. 15-19, fl. 20r, p. 234>

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva no final da apresentação do auto. Esta fórmula aparece no primeiro fólio de quase todos os autos e seus elementos são

dispostos sempre na mesma ordem sintática. Sua estrutura formada de um verbo + pronome/ substantivo constituindo uma colocação.

5.2 SEGMENTO 2: INTRODUÇÃO

Esperar Real Mercê

Esperar Real Mercê

Espera Real Mercê ...

Var. 1:

Ocorrência no corpus: A N° 1 e A N° 3

Definição: Ato de pedir deferimento à autoridade judicial para aceitar a sua denúncia prestada e distribuí-la às justiças, com o intuito de que haja apuração dos fatos e reparação do crime.

Cont.1 Espera Real Mercê Feira de Santa Anna 5 Dezembro de 1900 P. M. ... Moyses Egidio dAlmeida <A N° 1, L. 29-30, fl. 1r, p. 19>

Nota: Esta UF consiste em uma fórmula discursiva de encerramento, conforme Corpas Pastor (1986). Segundo Benson e Ilson (1986), sua estrutura é formada de um verbo + nome constituindo uma colocação.

Aceitar a denúncia

Aceitar denuncia

acceito a denuncia para ...

Var. 1: Aceito a denuncia procêda-se ao summario no dia que marcou o escrivao, intimadas

Ocorrência no corpus: A N° 1, A N° 2, A N° 3, A N° 4, A N° 5 e A N° 6

Definição: O recebimento da denúncia pelo juiz é o ato pelo qual o acusado passa a ser réu no processo, ou seja, aquela pessoa que contra si pesava a acusação de determinado ilícito penal passa a ter o peso de responder a uma ação penal. A partir do recebimento da denúncia, o réu é chamado ao processo através da citação para que possa apresentar sua defesa.

Cont.1 [...] aceito a denuncia para iniciar-se a instrucao da culpa <A N° 2, L. 2-3, fl. 2r, p. 74> Illustrissimo Senhor Doutor Juiz de Direito

Cont. 2 [...] Recebido hoje = 16 Fevereiro 1903 Aceito a denuncia procêda-se ao summario no dia que marcou o escrivao, intimadas as testemunhas, com sciencia do denunciado e do Doutor promotor publico <A Nº 3, L. 1-7, fl. 2r, p. 102>

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva que aparece na introdução de todos os autos. Esta fórmula aparece geralmente no segundo fólio. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Proceder ao corpo de delito

Proceder-se ao corpo de delito

proceda-se ao côrpo de delicto...

Var. 1: proceda-se ao côrpo de delicto

Var. 2: proceder ao Competente corpo de delicto

Ocorrência no corpus: A Nº 1, A Nº 2, A Nº 3, A Nº 4, A Nº 5 e A Nº 6

Definição: Ato em que os peritos apresentam resultado do exame de corpo de delito, o qual é o conjunto de elementos materiais ou vestígios que indicam a existência de um crime. O exame de corpo de delito é uma importante prova pericial, sua ausência em caso de crimes que deixam vestígios gera a nulidade do processo. O exame de corpo de delito pode ser direto, quando os peritos o realizam diretamente sobre a pessoa ou objeto da ação delituosa, ou indireto, quando não é propriamente um exame, uma vez que os peritos se baseiam nos depoimentos das testemunhas em razão do desaparecimento dos vestígios, nessa hipótese, o exame pode ser suprimido pela prova testemunhal.

Cont. 1 [...] com sciencia das partes e proceda-se ao côrpo de delicto <A Nº 1, L. 4-5, fl. 2r, p. 20>

Cont. 2 [...] Assim pois com esta Promotoria offerece a presente denuncia para que o denunciado seja punido com as penas do artigo 267 do nosso codigo penal e que Auto proceda-se corpo de delicto e aos demais termos para formacao da culpa <A Nº 1, L. 17-21, fl. 2r, p. 20>

Nota: Essa UF marca a introdução dos autos, consiste na autorização para realizar o exame do corpo de delito feito pelos médicos peritos. A UF é de suma importância, pois tem grande

recorrência nos autos de defloração. Sua estrutura é formada de um verbo + (preposição) substantivo constituindo uma colocação.

Oferecer a presente denúncia

Oferecer a presente denúncia

offerece a presente denuncia ...

Var. 1: oferece a presente denuncia

Var. 2: oferece-se a presente denuncia

Ocorrência no *corpus*: A Nº 1, A Nº 2 e A Nº3

Definição: O oferecimento da denúncia independe de qualquer condição específica é a peça que dá início a uma ação penal. A denúncia é interposta para os crimes que devem ser processados por meio de ação penal pública, cujo titular é o representante do Ministério Público.

Cont. 1 [...] Assim pois com esta. Promotoria oferece a presente denuncia para que o denunciado seja punido <A Nº 1, L.16-19, fl. 2r, p. 20>

Cont. 2 [...] E para que o mesmo seja punido se oferece a presente denuncia que se espessa seja recebida e afinal julgada provada, requer se proceda as demais diligencias para formacao da culpa, intimando-se as testemunhas a roladas para deporem no dia que for designado com sciencia do denunciado e esta promotoria <A Nº 2, L.16-22, fl. 2r, p. 74>

Cont. 3 [...] oferece-se a presente denuncia que recebida e julgada provada seja o denunciado punido no maximo das penas do artigo 267 do Codigo penal vigente <A Nº 3, L.17-21, fl. 2r, p. 102>

Nota: Essa UF cujos elementos são totalmente fixos aparece em grande parte dos autos que compõem o livro em análise no segmento de registro (introdução). Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo) adjetivo + substantivo, apesar de ser acrescida do substantivo após o adjetivo é constituída uma colocação.

Iniciar o sumario

Iniciar o sumario

iniciar-se o summario...

Var. 1: Prosiga-se ao summario

Var. 2: Prossiga-se no summario intimando-se

Var. 3: procêda-se ao summario

Ocorrência no *corpus*: A N° 1, A N° 3, A N°4 e A N° 5

Definição: Parte do auto de defloração do processo criminal, em que são registrados os depoimentos das testemunhas arroladas no auto, e tem por objetivo encaminhar a apuração dos fatos para culpabilidade ou inocência das pessoas denunciadas nos delitos criminosos e o encaminhamento para a pronúncia dos culpados.

Cont. 1 [...] aceita a denuncia para iniciar-se o summario da culpa, à revelia do denunciado <A N° 1, L.25-27, fl. 27, p.60>

Cont. 2 [...] Recebido hoje = 16 Fevereiro 1903 Aceito a denuncia procêda-se ao summario no dia que marcou o escrivao, intimadas as testemunhas, com sciencia do denunciado e do Doutor promotor publico <A N° 3, L.3-7, fl. 2, p.102>

Cont. 3 [...] prosiga-se ao summario, sendo intimada a testemunha que falta depor para o reo que resignasse o escrivao, com citado, do Doutor Promotor Publico <A N° 4, L.10-14, fl. 29, p.178>

Nota: Essa UF, cujos elementos são totalmente fixos, aparece na maioria dos documentos analisados, constituindo dentro dos autos o segmento introdução. Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo) substantivo constituindo uma colocação.

5.3 SEGMENTO 3: DESENVOLVIMENTO

Intimar as testemunhas

Intimar as testemunhas

intimação das testemunhas...

Var. 1:

Ocorrência no *corpus*: A N° 1, A N° 2, A N° 3, A N° 4, A N° 5 e A N° 6

Definição: Dar ciência, por meio de ato judicial, às testemunhas dos termos ou atos de um processo; exigir o comparecimento, convocar. Ato pelo qual pessoa capaz, estranha ao feito, chamada a juízo para depor o que sabe sobre o fato litigioso. A testemunha reproduz acontecimentos passados retidos em sua memória, desde o momento em que presenciou o fato litigioso ou dele tomou conhecimento.

Cont. 1 [...] mandado para intimação das testemunhas com sciencia das partes <A N° 1, L. 4-6, fl. 2r, p. 20>

Nota: Essa UF se encontra no desenvolvimento de todos os autos e constitui uma fórmula discursiva cuja importância pragmática reside em iniciar a intimação das testemunhas para tomar os depoimentos. Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo) substantivo constituindo uma colocação.

Intimar o denunciado

Intimar o denunciado

intimar o denunciado...

Var. 1:

Ocorrência no *corpus*: A N° 1, A N° 2 e A N° 5

Definição: Dar ciência, por meio de ato judicial, ao denunciado dos termos ou atos de um processo; exigir o comparecimento, convocar. Ato pelo qual pessoa capaz, estranha ao feito, chamada a juízo para depor o que sabe sobre o fato litigioso. O denunciado é o sujeito nomeado por réu ou autor que assume o papel de intervir numa relação jurídica processual. Quando se fala em denunciado já se ultrapassou a fase da investigação policial e o Ministério Público ofereceu denúncia por entender haver prova da materialidade e indícios suficientes de autoria.

Cont. 1 deixando de intimar o denunciado por não encontrá-lo <A N° 5, L. 15-16, fl. 20v, p. 278>

Nota: Essa UF se encontra no desenvolvimento de todos os autos e constitui uma fórmula discursiva cuja importância pragmática reside em iniciar a intimação do denunciado para tomar depoimento. Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo) substantivo constituindo uma colocação.

Reparar o mal / honra

Reparar o mal / honra

Var. 1: e reparar o mal casando-se com a mesma

Var. 2: o denunciado não tenha querido reparar a honra

Var. 3: reparado o mal que commetteu

Ocorrência no *corpus*: A N° 1, A N° 2 e A N°5

Definição: Ato de dizer que o dano moral é solicitado quando há ofensa do direito da personalidade, devido à ofensa mais íntima do indivíduo, atingindo sua moral e demais aspectos. Nos autos de defloração as famílias exigiam que o réu se casasse com a vítima como forma de reparar a ofensa feita, acreditavam que a melhor forma de resolver a situação que fizera com ela era casando-se.

Cont. 1 [...] e que o offensor della sua filha procurasse reparar o mal casando-se com a mesma <A N° 5, L.19-21, fl. 9r, p. 256>

Cont. 2 [...] deu lhe voz de prisao a fim deste reparar o mal que tinha comettido [...] <A N° 5, L.6-7, fl. 17r, p. 270>

Cont. 3 [...]Respondeu que conhece-o desde crianca e quanto ao seu procedimento e mau por nao ter reparado o mal que commetteu [...] <A N° 5, L.9-12, fl. 15v, p. 267>

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva no desenvolvimento do auto. Esta fórmula aparece em todos os autos. Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo) substantivo constituindo uma colocação.

Deflorar a menor

Deflorar a menor

deflorado a menor...

Var. 1: por ter deflorado a menor

Var. 2: deflorar a mesma menor

Var. 3: defloração da menor

Ocorrência no *corpus*: A N° 1, A N° 2, A N°3, A N° 4 e A N°5

Definição: Ato de “deflorar a mulher de menor idade, empregando sedução, engano ou fraude”, vale ressaltar que a maior idade definida nos séculos XVIII ao XX era 21 anos.

Cont. 1 [...] por ter deflorado a menor (A N° 2, L.6, fl. 2r, p.74)

Cont. 2 [...] no dia 27 de Dezembro do anno corrente, na Freguesia de Tanquinho, desta cidade, deflorado a menor[...] <A N° 4, L.11-13, fl. 2r, p.102>

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva, esta aparece em quase todos os autos e seus elementos são dispostos sempre na mesma ordem sintática. Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo) substantivo constituindo uma colocação.

Pedir deferimento

Pedir deferimento

Pede deferimento...

Var. 1:

Ocorrência no corpus: A Nº 1, A Nº 3, A Nº 4, A Nº 5 e A Nº 6

Definição: Ato de pedir deferimento à autoridade judicial para aceitar a sua denúncia prestada e distribuí-la às justiças, com o intuito de que haja apuração dos fatos e reparação do crime.

Cont. 1 [...] Do que pede deferimento Feira de Sant'Anna, 27 de Dezembro de 1902 <A Nº 4, L.27-28, fl. 7r, p.141>

Cont. 2 [...] Do que faco pede deferimento Feira de Sant'Anna, 27 de Dezembro de 1902 <A Nº 4, L.26, fl. r, p.143>

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva em todos os autos. Esta fórmula aparece com o intuito de pedir algo. Apesar de existir a variação com a inserção das formas de tratamento, estas UFs apresentam a mesma relação semântica. As formas de tratamento variam conforme a quem se dirija o pedido. Dessa forma, *vossa mercê* é geralmente direcionada ao juiz ordinário, *vossa senhoria*, ao ouvidor e corregedor. O verbo em terceira pessoa dá o tom mais formal e caracteriza a linguagem dos requerimentos modernos. Essa UF é classificada como fórmula rotineira exposta por Corpas Pastor (1996). Para a autora as fórmulas rotineiras diretivas de exortação são caracterizadas por uma projeção no futuro e na responsabilidade do receptor.

Vir requerer

Vir requerer

Vir requerer...

Var. 1: vem requerer a vossa senhoria

Var. 2: vir requerer a vossa senhoria

Ocorrência no corpus: A Nº 1, A Nº 2, A Nº 4 e A Nº 5

Definição: Ação ou efeito de requerer. Ato de solicitar através de uma petição que, feita por escrito, deve seguir as normas legais.

Cont. 1 [...] nao obstante se ter empregados todos os meios pascificos, por isso, vem requerer a Vossa Senhoria <A Nº 1, L.21-24, fl. 3r, p.21>

Cont. 2 [...] por ser ella indigente, como prova as certidoes que a esta acompanham, vem requerer a vossa senhoria se digne mandou que, distribuida e atuada esta, seja remetida ao doutor promotor [...] <A Nº 2, L.17-20, fl. 3r, p.77>

Cont. 3 [...] Um caso de estupro em uma sua filha, de sete annos de idade vem requerer a Vossa Senhoria que se digne mandar pás-sar-lhe por certidao se está arrolado para pagamento de algum imposto Estadual <A Nº 4, L.17-22, fl. 9r, p.143>

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva em todos os autos. Esta fórmula aparece com o intuito de pedir algo. Apesar de existir a variação com a inserção das formas de tratamento, estas UFs apresentam a mesma relação semântica. As formas de tratamento variam conforme a quem se dirija o pedido. Dessa forma, *vossa mercê* é geralmente direcionada ao juiz ordinário, *vossa senhoria*, ao ouvidor e corregedor. Sua estrutura é formada de um verbo + verbo constituindo uma colocação.

Atestar a suplicante

Atestar a suplicante

attestar se a supplicante ...

Var. 1:

Ocorrência no corpus: A Nº 6

Definição: Requerente; pessoa que requer, solicita alguma coisa por meio de requerimento. Afirmar ou provar oficialmente uma ação judicial contra outra pessoa.

Cont. 1 [...] que vos digneis de attestar se a supplicante e ou nao notoriamente pobre [...] <A Nº 6, L.16-17, fl. 8r, p.314>

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva presente no A Nº 6. Esta fórmula aparece com o intuito de provar ou afirmar algo. Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo) substantivo constituindo uma colocação.

Haver defloramento

Haver defloramento

houve defloramento ...

Var. 1: haver deflorado a criança

Var. 2: haver defloramento

Var. 3: havido defloramento

Var. 4: houve o defloramento

Var. 4: havia deflorado

Ocorrência no corpus: A Nº 1, A Nº 5 e A Nº 6

Definição: Em relação à comprovação material de que houve ou não o delito de defloramento, trata-se de afirmações presentes nos exames de corpo de delito.

Cont. 1 [...] Tendo em vista o exame de corpo de delicto, feito na paciente à folha, em vista de do qual, se vê que realmente houve defloramento <A Nº 1, L.16-19, fl. 26v, p.59>

Cont. 2 [...] Descripcao Encontraram vestigios de membrana hymen carunculas myrtiforme denotando ter havido defloramento a uns quatro ou cinco meses, mais ou menos[...] <A Nº 1, L.8-12, fl. 8v, p.27>

Cont. 3 [...] Concluimos portanto haver defloramento praticado pelo pennis membro viril no acto natural de copula carnal realisada com inteira vontade da parte offendida que embora isso nos dissesse, o exame nao nos revelou vestigios de resistência por ella ofendida [...] <A Nº 5, L.1-8, fl. 11v, p.259-260>

Cont. 4 [...] lhe contara que havia deflorado a referida [...] <A Nº 5, L.29-31, fl. 25v, p.288>

Sin.: tinha deflorado / ter deflorado / existência do defloramento

Nota: Essa UF aparece nos resultados do exame de corpo de delito dos autos, é de suma importância, pois tem grande recorrência nos autos de defloramento. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Mandar o oficial**Mandar o oficial**

Mando a qualquer oficial ...

Var. 1: Manda do a qualquer oficial de Justica

Ocorrência no corpus: A Nº 1, A Nº 3, A Nº4 e A Nº 5

Definição: exigir que se cumpra (algo); determinar; ordenar o serventuário da Justiça encarregado de proceder às diligências que se fizerem necessárias ao andamento do julgamento da causa e ordenadas pela autoridade judiciária.

Cont. 1 [...] Mando a qualquer official de justica deste Juiso a quem for este apresentado, por mim rubricado <A Nº 3, L.11-14, fl. 19, p.129>

Nota: Esta UF tem recorrência em alguns autos, contudo tem uma função informativa relevante, pois exige que o servidor proceda as diligências. Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo)substantivo constituindo uma colocação.

Dar depoimento**Dar depoimento**

deporem no processo ...

Var. 1: a fim de deporem no processo

Var. 1: as primeiras para virem depor neste Juizo

Ocorrência no corpus: A Nº 1, A Nº 2, A Nº4 e A Nº 5

Definição: Ação ou efeito de depor, de apresentar argumentos, de declarar judicialmente. Declaração que, feita pela testemunha ou para a parte interessada no processo, serve como prova contra o réu.

Cont. 1 [...] Ao meio dia, a fim de deporem no processo, que se está instaurando contra o denunciado <A Nº 3, L.22-24, fl. 19, p.129>

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva presente no desenvolvimento do auto. Todos os envolvidos nos autos, a saber: vítimas, testemunhas e

denunciado prestam o seu depoimento. Conforme *Corpas Pastor* (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Vir processar

Vir processar

vir processar todos...

Var. 1: vir processar todos sob as penas da lei.

Var. 2: vir processar todos sob as penas da lei.

Ocorrência no *corpus*: A Nº 1, A Nº 3 e A Nº4

Definição: Ato de mover ação judicial contra algo ou alguém perante as autoridades judiciais.

Cont. 1 [...] intimando a este para se vir processar todos sob as penas da lei <A Nº 4, L.25-28, fl. 35r, p.187>

Cont. 2 [...] intimado o denunciado para se ver processar, todo sob as pena [...] <A Nº 5, L.31-33, fl. 20r, p.277>

Nota: Esta UF não é utilizada na totalidade dos autos aqui estudados, mas apresenta frequência e é diretamente ligada à esfera judiciária. Sua estrutura é formada por verbos constituindo uma colocação.

Certificar o oficial

Certificar o oficial

Certifico eu Official...

Var. 1: Certifico eu, official de Justica d`este Juiso.

Var. 2: Certifique o escrivao.

Ocorrência no *corpus*: A Nº 1, A Nº 4 e A Nº5

Definição: Ato de assegurar como verdadeiro ou certificar um depoimento e ou uma assinatura.

Cont. 1 [...] Certifico eu Official de Justica abaicho assignado que em comprimento do mandado retro sendo no Suburbio desta Cidade <A Nº 1, L.30-34, fl. 19r, p.46>

Nota: Esta UF tem recorrência em alguns autos, contudo tem uma função informativa relevante, pois exige que o servidor proceda as diligências. Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo)substantivo constituindo uma colocação.

Entregar autos

Entregar autos

entregues estes autos ...

Var. 1:

Ocorrência no *corpus*: A Nº 1, A Nº3, A Nº 4, A Nº5 e A Nº6

Definição: Ato de entregar um conjunto das peças que compõem um processo, incluindo todos os anexos e volumes.

Cont. 1 [...] Aos vinte de Abril de mil novecentos e tres foram-me entregues estes autos com o despacho supra <A Nº 4, L.29-32, fl. 45r, p.202>

Nota: Essa UF é totalmente fixa e está presente na grande maioria dos autos analisados, no desenvolvimento. Indica a entrega de instrumentos de um processo. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Empregar sedução

Empregar sedução

emprêgo de sedução...

Var. 1: empregando seducao

Ocorrência no *corpus*: A Nº 1 e A Nº 4

Definição: Ato usado com o intuito de deflorar menores de idade. É o aliciamento da frágil vontade da menor por obra exclusiva da sugestão, da insinuação, da instigação, da excitação.

Cont. 1 Considerando que, como se deprehe da prova dada, o denunciado, pelo emprêgo de seducao, com promessa de casamento, foi que conseguiu levar á efeito o seu intuito deflorar a mesma menor <A Nº 1, L.09-13, fl. 28r, p.62>

Cont. 2 Considerando que, e crime definido pelo artigo 267 do Codigo Penal “deflorar mulher de menor idade, empregando seducao, engano ou fraude” <A Nº 1, L.15-18, fl. 28r, p.62>

Nota: Essa UF, presente no desenvolvimento dos autos, apresenta o meio empregado pelo réu para a consumação do ato. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Nomear peritos

Nomear peritos

Nomeio peritos ...

Var. 1: por carta intimei os peritos nomeados.

Var. 2: nomeado e assignado, os peritos notificados

Var. 3: para que nomeao peritos os doutores

Ocorrência no corpus: A Nº 1, A Nº 2, A Nº 3, A Nº 4, A Nº 5 e A Nº 6

Definição: Ato de Escolher para realizar certas funções (exame de corpo de delito) conjunto de pessoas com conhecimentos específicos em alguma área chamada pelo Magistrado (a) para lhe prestar informações técnicas como perito médico.

Cont. 1 [...] Autuado como pede o Senhor escrivao intime aos Doutores Manoel Marcolino da Silva Pimentel e Pedro Americo de Britto os quaes nomeio peritos, para no dia 13 de Marco ter lugar o examme respectivo [...] <A Nº 5, L.5-8, fl. 5r, p.250>

Cont. 2 [...] Nomeio peritos os Illustrissimos Senhor Doutor Fabio Lyra dos Santos e Manuel Marcolino da Silva Pimentel, para ter lugar [...] <A Nº 6, L.2-4, fl. 3r, p.308>

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva em todos os autos. Esta fórmula aparece com o intuito de denominar os médicos legais. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Vir denunciar

Vir denunciar

Vem denunciar ...

Var. 1: vem perante vossa senhoria denunciar

Var. 2: vem presente Vossa Senhoria denunciar

Var. 3: vem denunciar do individuo

Ocorrência no corpus: A Nº 1, A Nº 2, A Nº3, A Nº 4 e A Nº 5

Definição: Ato de formalizar e apresentar uma denúncia contra um indivíduo perante as autoridades judiciais, um juiz ordinário, um juiz de fora, um ouvidor e corregedor geral da comarca ou outros representantes da justiça, resultando dessa denúncia uma petição de queixa.

Cont. 1 O Promotor Publico da Comarca, no desempenho de suas atribuições e baseado nas diligencias policiais, constantes do inquerito feito, vem denunciar do individuo de nome [...] <A N° 5, L.8-12, fl. 2r, p. 248>

Sin.: vem perante

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva em todos os autos. Esta fórmula aparece com o intuito de pedir algo. Apesar de existir a variação com a inserção das formas de tratamento, estas UFs apresentam a mesma relação semântica. Sua estrutura é formada de um verbo + verbo constituindo uma colocação.

Dar fé

Dar fé

Dou fé ...

Var. 1:

Ocorrência no corpus: A N° 1, A N° 2, A N° 3, A N° 4, A N° 5 e A N° 6

Definição: Ato de dar fé, nesse caso, é uma expressão jurídica e tem origem na função do tabelião: ele é a pessoa designada pelo Poder Público para conferir, analisar e validar como verdadeira, quando necessária, a informação ou documentação que lhe é apresentada. A fé pública significa que ao tabelião o Poder Público conferiu o crédito de afirmar como verdadeiro um documento.

Cont. 1 [...] e deu-se por fim do seu depoimento que depois de lhe ser lido e achar conforme assigna-o com o juiz e commigo Aurelio de Vasconcelllos escrivao que escrevi e dou fé <A N° 6, L.25-29, fl. 16v, p. 230>

Cont. 2 [...] para pagamento de impostos, do que em verdade dou fe <A N° 5, L.27-29, fl. 7v, p. 253>

Cont. 3 [...] para assignar a seu rogo com o Juiz depois de lhe ser lido e achar conforme do que lhe dou fe <A N° 5, L.23-25, fl. 10r, p. 257>

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva em todos os autos. Esta fórmula aparece com o Intuito de certificar algo. Sua estrutura é altamente fixa e seus elementos sempre são encontrados na mesma ordem e apresentam a mesma relação semântica. Sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Juntar aos autos

Juntar aos autos

Junte-se aos autos...

Ocorrência no corpus: A N° 3, A N° 4 e A N° 5

Var. 1:

Definição: Ato de juntar, incluir ou anexar uma petição ou alguma peça ou documento nos autos de um processo.

Cont. 1 [...] Junte-se aos autos do inquerito, que se está procedendo por esse crime. Feira 31 de Dezembro de 1902. Em adiante e me sejam conclusos <A N° 4, L.09-12, fl. 17r, p. 155>

Nota: Essa UF é recorrente em alguns autos e tem como função a inclusão de instrumentos de um processo. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + (preposição)substantivo constituindo uma colocação.

Ser interrogado

Ser interrogado

Ser interrogado ...

Var. 1:

Ocorrência no corpus: A N° 4 e A N° 5

Definição: Ato ou efeito de interrogar ao réu ou às testemunhas, através de perguntas feitas por uma autoridade judicial.

Cont. 1 [...] ás 11 horas da manha do dia 13 de Julho proximo vindouro para ser interrogado pelo crime de defloramento da menor [...] <A N° 5, L.20-23, fl. 28r, p. 293>

Cont. 2 [...] confirmando áquelle crime ao ser interrogado pelo dito sub comisario, e que a menor e o seu offensor foram depois remetidos para esta cidade [...] <A N° 4, L.19-24, fl. 26v, p. 172>

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva presente no desenvolvimento do auto. Essa UF é altamente especializada, pertencente à esfera jurídica. Indica o interrogatório, conjunto de perguntas que o denunciado precisou responder. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + adjetivo/substantivo constituindo uma colocação.

Comunicar o juízo

Comunicar o juízo

Comunique a este juízo...

Var. 1: comunique a este Juizo

Ocorrência no corpus: A N° 1, A N° 4 e A N° 5

Definição: Ato de fazer chegar, transmitir mensagens, informação, ordem ao órgão determinado ex: Juízo das Execuções Penais.

Cont. 1 Certifico que intimei a testemunha rettro declarado para que caso tenha de mudar-se de sua actual residencia durante o praso de um anno, o comunique a este juiso sob as penas da lei [...] <A N° 1, L.21-26, fl. 12r, p. 33>

Cont. 2 [...] para caso tenha de se mudar da sua actual residencia, no praso de um anno, a contar desta data, o comunique a este Juizo, sob as penas da lei [...] <A N° 4, L.14-20, fl. 28r, p. 176>

Nota: Esta UF é recorrente em alguns autos estudados. É uma fórmula rotineira discursiva presente no desenvolvimento do auto. Esta fórmula aparece com o intuito de transmitir alguma informação ao juiz. Sua estrutura é altamente fixa e seus elementos sempre são encontrados na mesma ordem e apresentam a mesma relação semântica. Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo)substantivo constituindo uma colocação.

Depor as testemunhas

Depor as testemunhas

Depor as testemunhas ...

Var. 1: depor a testemunha deste processo

Var. 2: depor as testemunhas deste summario

Var. 3: deporem as testemunhas deste processo.

Var. 4: depor testemunha.

Ocorrência no *corpus*: A Nº 1, A Nº 2, A Nº 4 e A Nº 5

Definição: Ato de proferir a partir de chamada a juízo para depor o que sabe sobre o fato litigioso.

Cont. 1 Certifico que dei sciencia ao Doutor Promotor Moyses de Almeida do dia que tem de depor as testemunhas deste processo. Feira, 8 de marco 1900 [...] <A Nº 1, L.22-27, fl. 22v, p. 53>

Cont. 2 [...] Dada a palavra ao accusado para contestar a testemunha, por esta foi dita que na verdade o que acchava de depor testemunha <A Nº 4, L.10-14, fl. 25r, p. 170>

Cont. 3 Certifico eu escrivao abaixo assignado, que dei sciencia ao Doutor Promotor Publico Bulcao Viana dando-lhe sciencia do dia hora e logar em que tem de deporem as testemunhas deste processo. O referido e verdade. Feira, 17 de fevereiro de 1903 <A Nº 4, L.1-8, fl. 20v, p. 161>

Cont. 4 Certifico que dei sciencia o Doutor Promotor Moyses de Almeida do dia que tem de depor a testemunha deste processo Feira, 15 de fevereiro de 1901 <A Nº 1, L.22-26, fl. 18v, p. 45>

Nota: Esta UF é recorrente na maioria dos autos estudados é uma fórmula rotineira discursiva presente no desenvolvimento do auto. Esta fórmula aparece com o intuito de comunicar as testemunhas para depor. Sua estrutura apresenta variação, mas seus elementos sempre são encontrados na mesma ordem e apresentam a mesma relação semântica. Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo)substantivo constituindo uma colocação.

Depor no processo

Depor no processo

Var. 1: depor neste processo

Var. 2: deporem no processo

Ocorrência no *corpus*: A Nº 1, A Nº 4 e A Nº 5

Definição: Ato de proferir a respeito do que viu ou ouviu alguma coisa, ou que é chamada a depor sobre aquilo que viu ou ouviu que atesta a verdade de algum fato para inserção no processo.

Cont. 1 [...] para comparecer no Paco Municipal, as 10 horas do dia 23 do corrente, para depor no processo que se esta instaurando contra [...] <A N° 1, L.15-20, fl. 19r, p. 46>

Cont. 2 Invio para substituir a testemunha que falta depor neste processo [...] <A N° 4, L.30-31, fl. 32r, p. 181>

Cont. 3 Ao meio dia, a fim de deporem no processo, que se está instaurando contra o denunciado [...] <A N° 3, L.22-24, fl. 19r, p. 129>

Nota: Esta UF está presente na maioria dos autos estudados. É uma fórmula rotineira discursiva presente no desenvolvimento do auto. Esta fórmula aparece com o intuito de convocar os envolvidos para depor. Sua estrutura apresenta variação, mas seus elementos sempre são encontrados na mesma ordem e apresentam a mesma relação semântica. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + (preposição)substantivo constituindo uma colocação.

Prometer dizer

Prometer dizer

Prometteo dizer a verdade...

Var. 1: prometteu diser a verdade

Var. 2: prometteu dizer a verdade

Var. 3: prometendo dizer a verdade

Var. 4: prometteu depor a verdade

Ocorrência no corpus: A N° 1, A N° 4, A N° 5 e A N° 6

Definição: Ato de comprometer-se a declarar -se a partir de fatos reais.

Cont. 1 [...] testemunha jurada na forma da lei que prometteo dizer a verdade do que soubesse elle e fosse perguntado <A N° 6, L.13-15, fl. 18v, p. 334-335>

Cont. 2 [...] aos costumes nada disse testemunha juramentado prometteu diser a verdade do que soubesse e lhe fosse perguntado [...] <A N° 5, L.8-12, fl. 25v, p. 288>

Cont. 3 [...] lavrador, e aos costumes disse nada, testemunha jurada na forma da lei que prometeu dizer a verdade do que soubesse e lhe fosse perguntado [...] <A Nº 5, L.26-30, fl. 17v, p. 272>

Cont. 4 [...] residente nesta cidade, sabe ler e escrever, aos costumes disse nada testemunha jurada prometendo dizer a verdade do que soubesse e lhe fosse perguntado [...] <A Nº 4, L.3-8, fl. 27v, p. 175>

Cont. 5 [...] testemunha jurada na forma da lei que prometeu depor a verdade do que soubesse e fosse-lhe fosse perguntado [...] <A Nº 5, L.7-10, fl. 14r, p. 264>

Sin.: depor a verdade

Nota: Esta UF é recorrente na maioria dos autos estudados. É uma fórmula rotineira discursiva presente no desenvolvimento do auto. Sua estrutura apresenta variação, mas seus elementos sempre são encontrados na mesma ordem e apresentam a mesma relação semântica. Sua estrutura é formada de um verbo + verbo constituindo uma colocação.

Receber do Libelo

Receber do Libelo

Recebi a copia do libello ...

Var. 1: Recebe a copia do libello

Var. 2: Recebo o libello entregue-se copia

Var. 3: recibo da copia do libello

Ocorrência no corpus: A Nº 1 e A Nº 4

Definição: Ato ou efeito de receber uma cópia escrita e articulada daquilo que se pretende provar contra um réu, concluindo com a declaração da pena, a que, na forma da lei, deve o réu ser condenado. É a exposição escrita e articulada do fato criminoso e das suas circunstâncias, não só as elementares como as agravantes, concluindo-se pela declaração da pena, a que na forma da lei deve o réu ser condenado. Termo utilizado no Direito Processual Penal que se traduz na exposição apresentada por escrito pela acusação prevendo o que se pretende provar ao magistrado contra o réu, concluindo com a declaração da pena que considera ser ideal à condenação do acusado.

Cont. 1 Recebi a copia do libello e do qual sou accusado pela Justica, publica e do rol das testemunhas <A Nº 4, L.1-3, fl. 47r, p. 206>

Cont. 2 [...] Recebe a copia do libello e do qual sou accusado pela justica publica e do roldas testemunhas <A N° 4, L.1-4, fl. 46r, p. 205>

Cont. 3 Aos vinte de Abril de mil novecentos e três faco Juntada a estes autos do recibo da copia do libello que se seque do que faco este termo <A N° 4, L.22-28, fl. 46r, p. 203>

Nota: A UF apresentada é recorrente em alguns autos, presente no auto. Esta fórmula exhibe estrutura com variação e inserção de elementos, mas apresenta a mesma relação semântica. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + (preposição)substantivo constituindo uma colocação.

Cometer crime

Cometer crime

Commetteo o crime...

Var. 1: o reo commetteu o crime com superioridade

Var. 2: o acusado commetteo o crime com superioridade

Var. 3: cometter crimes da ordem

Ocorrência no *corpus*: A N° 1 e A N° 4 e A N° 6

Definição: Ato ou efeito de fazer, executar quando o sujeito quer ou assume o risco do resultado. Ou seja, no crime doloso existe a vontade do agente para cometer o crime.

Cont. 1 Ao terceiro — Sim — por doze votos O reo commetteo o crime com superioridade de forcas de modo que a paciente nao pode deffender-se com probabilidade de repelir a ofensa [...] <A N° 4, L.22-28, fl. 70r, p. 248>

Cont. 2 Considerando que, o dennunciado commetteu o crime com desfarse [...] <A N° 4, L.33-34, fl. 41r, p. 200>

Cont. 3 [...] Respondeu que o denunciado nao e desordeiro, mas e capas de cometter crimes da ordem do que se trata, e descende de uma familia que sabese ser desleal, nao sabe respeitar as familias deles <A N° 1, L.2-8, fl. 12r, p. 32>

Nota: Esta UF é recorrente em alguns autos estudados e está presente no desenvolvimento do auto. Sua estrutura apresenta variação, mas seus elementos sempre são encontrados na mesma ordem e apresentam a mesma relação semântica. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + (preposição)substantivo constituindo uma colocação.

Cumprir o despacho**Cumprir o despacho***Cumprimento do despacho ...***Var. 1:** cumpra-se o despacho de folhas**Var. 2:** cumpre-se o despacho de folhas**Var. 3:** cumprir o despacho do excelentíssimo Doutor Juiz**Ocorrência no corpus:** A Nº 1, A Nº 2, A Nº 3, A Nº 4, A Nº 5 e A Nº 6**Definição:** Ato que foi determinado pelo juiz, e precisa ser cumprido.**Cont. 1** Certifico eu escrivão abaixo assignado que em cumprimento do despacho do Senhor Delegado de Policia [...] <A Nº 5, L.31-33, fl. 5r, p. 250>**Cont. 2** Estando comessado a 1º sessao ordinaria, o Grande Jury para o dia 8 de Junho proximo vindouro, cumpra-se o despacho de folhas 42 <A Nº 4, L.14-18, fl. 25v, p. 171>**Cont. 3** Cumpre-se o despacho de folhas notificando se o reo para responder na sessao do Jury convocado para o dia 21 de Outubro <A Nº 4, L.27-30, fl. 46r, p. 204>**Cont. 4** [...] Por accumulo de trabalho deixei de cumprir o despacho do excelentíssimo Doutor Juiz de Direito [...] <A Nº 3, L.13-15, fl. 17r, p. 127>**Sin.:** obediencia ao despacho**Nota:** Esta UF tem alta recorrência em todos os autos de defloramento estudados, contudo tem uma função informativa relevante, pois exige que o servidor cumpra o que foi solicitado. Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo)substantivo constituindo uma colocação.**Certificar o Escrivão****Certificar o Escrivão***Certifico eu escrivão ...***Var. 1:****Ocorrência no corpus:** A Nº 2, A Nº 3, A Nº 4, A Nº 5 e A Nº 6**Definição:** Ato ou efeito de dar como certo, assegurar como verdadeiro, certificar documentos. O escrivão verificou que o autor deveria ter se manifestado acerca de algum ato praticado no processo e não o fez, desta forma o escrivão está cientificando o juiz.

Cont. 1 Certifico eu escrivao abaixo assignado Que revendo os livros do lancamento deste Collecter delles nao constao Achando-se lancado a supplicante [...] <A N° 2, L.23-26, fl. 12r, p. 91>

Nota: Esta UF tem alta recorrência em todos os autos estudados, contudo tem uma função de certificar como verdade os documentos. Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo)substantivo constituindo uma colocação.

Ser autuado

Ser autuado

ser autuado ...

Var. 1: ser autuada e proceguir nas delegacias.

Ocorrência no corpus: A N° 2 e A N° 4

Definição: Ato de informar que da pessoa a respeito da existência material a um processo ou procedimento: junta-se a inicial, uma denúncia.

Cont. 1 Tenente coronel Napoleao Freire de Lima me foi entregue apeticao com o despacho que se segue, a fim de ser autuado e seguir seus termos <A N° 2, L.24-29, fl. 14r, p. 94>

Cont. 2 [...] Major Jose Antonio Guimaraes me foi entregue a Juntada que se segue affim de ser autuada e proceguir nas delegacias <A N° 4, L.24-28, fl. 14r, p. 151>

Nota: Essa UF se encontra no desenvolvimento de alguns autos e constitui uma fórmula discursiva que tem como função ser informado de que foi alvo de denúncia. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Ser intimado

Ser intimado

ser intimado ...

Var. 1: ser intimada

Var. 2: ser intimados

Ocorrência no corpus: A N° 1, A N°2, A N°4 e A N° 5

Definição: Ato de receber uma notificação referente ao processo, tendo como principal função avisar as partes ou outro integrante do processo a respeito de um certo ato processual. A intimação é fundamental para o andamento do processo.

Cont. 1 Mandado passado a ex-officio da Justica para ser intimado o reo Santos Goncalves de Oliveira para ser interrogado, como abaixo se declara <A N° 5, L.1-5, fl. 28r, p. 293>

Cont. 2 Deferimos a promocao passa-se mandado para ser intimada [...] <A N° 1, L.5-6, fl. 22v, p. 52>

Nota: Esta UF é recorrente na maioria dos autos estudados. É uma fórmula rotineira discursiva presente no desenvolvimento do auto. Esta fórmula aparece com o intuito de comunicar o denunciado a respeito do processo. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Designar o escrivão

Designar o escrivão [*dia que designar o Escrivao*]

designar o Escrivao...

Var. 1:

Ocorrência no corpus: A N° 1, A N°2 e A N° 5

Definição: Ato de determinar escolher o servidor público incumbido de reduzir a escrito todos os atos de um processo administrativo ou judicial.

Cont. 1 D. e A, aceito a denuncia para iniciar-se a instrucao da culpa expeca de mandado para a intimacao das testemunhas, afim de deporem no dia, hora e lugar que designar o escrivão <A N° 2, L.2-5, fl. 2r, p. 74>

Nota: A UF apresentada concebe uma fórmula rotineira discursiva em alguns autos. Esta fórmula aparece com o intuito de indicar o escrivão escolhido. Sua estrutura é formada de um verbo + (artigo)substantivo constituindo uma colocação.

Haver violência

Haver violência

Var. 1: houvesse violencia

Ocorrência no corpus: A N° 3, A N°4 e A N° 5

Definição: Ato ou efeito de empregar constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem.

Cont. 1 [...] 3º Houve Copula Carnal 4º Houve violencia para fins libidinosos [...] <A Nº 3, L.26-28, fl. 12r, p.148>

Cont. 2 [...] o exame nao nos revelou vestigios de resistênciã por ella offendida cazo houvesse violencia da parte do offensor para praticar este acto ou outros De natureza libidinoza [...] <A Nº 5, L.7-11, fl. 11v, p. 260>

Nota: Esta UF é recorrente em alguns autos estudados. Esta fórmula aparece com o intuito de apresentar o resultado do exame de corpo de delito realizado pelos médicos peritos. Conforme Corpas Pastor (1986), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

5.4 SEGMENTO 4: CONCLUSÃO

Ser punido

Ser punido

seja punido...

Var. 1:

Ocorrência no *corpus*: A Nº 1, A Nº 2 e A Nº 6

Definição: ato de receber uma punição atribuída a quem cometeu um crime ou ato censurável; condenação, castigo: pena de prisão.

Cont. 1 [...] Assim pois com esta Promotoria offerece a presente denuncia para que o denunciado seja punido com as penas do artigo 267 do nosso codigo penal <A Nº 1, L.17-19, fl. 2r, p. 20>

Cont. 2 [...] E para que o mesmo seja punido se offerece a prezente denuncia que se espresa seja recebida e afinal julgada provada, requer se proceda as demais deligencias para formacao da culpa, intimando-se as testemunhas aroladas [...] <A Nº 2, L.16-20, fl. 2r, p. 74-75>

Nota: Esta UF é recorrente em alguns autos estudados, presente na conclusão. Esta fórmula aparece com o intuito de comunicar o resultado do processo. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Pedir condenação

Pedir condenação

pedindo a condenação...

Var. 1: Pede-se a condenação do reo

Ocorrência no *corpus*: A Nº 1, A Nº 4 e A Nº 5

Definição: Ato de solicitar a decisão de um tribunal que pronuncie uma sentença contra o autor de um crime, delito, contravenção: no tribunal do júri, para que os jurados julguem a culpabilidade do réu e o juiz pronuncie a sentença.

Cont. 1 [...] mostrando a perversidade do reo depois de leem historiando o crime, terminam pedindo a condenação do reo do que fiz este termo <A Nº 4, L.11-15, fl. 66r, p. 232>

Cont. 2 [...] Pede-se a condenação do reo [...] <A Nº 1, L.18, fl. 31r, p. 67>

Nota: Esta UF é recorrente na maioria dos autos estudados é uma fórmula rotineira discursiva presente na conclusão do auto. Esta fórmula aparece com o intuito de solicitar a pronúncia do tribunal a respeito do processo. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Julgar procedente

Julgar procedente

julgo procedente ...

Var. 1:

Ocorrência no *corpus*: A Nº 4, A Nº 5 e A Nº 6

Definição: Ato em que o julgador deu ganho de causa para o autor do processo.

Cont. 1 Julgo procedente o corpo de delicto de folhas para que possa providenciar os seus devidos efeitos <A Nº 6, L.10-13, fl. 14r, p. 326>

Nota: Esta UF está presente em alguns autos estudados. É uma fórmula rotineira discursiva presente na conclusão do auto. Esta fórmula aparece com o intuito de comunicar o ganho ou confirmação de algo. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

5.5 SEGMENTO 5: CUSTAS

Fazer remessa

Fazer remessa

faço remessa ...

Var. 1: Senhor Escrivao faca remessa destes autos

Ocorrência no corpus: A Nº 1, A Nº3, A Nº 4, A Nº5 e A Nº 6

Definição: Ato de mandar, de fazer com que alguma coisa chegue a um determinado lugar, ou seja, os processos que devem seguir para um determinado local.

Cont. 1 Aos trinta dias do mez de Marco de mil novecentos e trez faco remessa destes autos ao Escrivao interno <A Nº 4, L.30-34, fl. 42r, p. 198>

Cont. 2 [...] faca remessa destes autos [...] <A Nº 5, L.16-17, fl. 18v, p. 274>

Nota: Esta UF é recorrente em alguns autos estudados, presente no segmento das custas, é fórmula que tem o intuito de comunicar as custas do processo. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Pagar impostos

Pagar impostos

Var. 1: o pagamento de imposto

Var. 2: o pagamento de impostos

Ocorrência no corpus: A Nº 2, A Nº 3, A Nº 4, A Nº 5 e A Nº 6

Definição: Ato de satisfazer dívida, contribuição, geralmente em dinheiro, que se exige de cada cidadão para financiar as despesas de interesse geral, a cargo do Estado. O imposto é um tributo destinado a atender às necessidades gerais da administração pública, sem assegurar ao

contribuinte qualquer proveito direto em contraprestação à parcela paga; neste particular, distingue-se da taxa, que se destina a remunerar serviços específicos; tributo.

Cont. 1 [...] instaurar-se contra o mesmo [...] que vos digneis de atestar se a suplicante e ou não notoriamente pobre, não sendo arrolada para pagamento de impostos de qualquer especie perante o Fisco Municipal <A Nº 6, L.15-19, fl. 7r, p. 313>

Cont. 2 [...] Certifico eu escrivao abaixo assignado que Revendo os livros de lancamento de impostos constantes do tesolreiro desta Colletoria deles nao consta acharsse o petecionario arrolado para o pagamento de imposto algum [...] <A Nº 4, L.26-30, fl. 9r, p. 143-144>

Sin.: arrecadacao de impostos

Sin.: contribuinte de imposto

Nota: Esta UF é de alta recorrência nos autos estudados, presente nas custas. Esta fórmula aparece com o intuito de comunicar a respeito do valor do processo. Sua estrutura apresenta variação, mas seus elementos sempre são encontrados na mesma ordem e apresentam a mesma relação semântica. Conforme Corpas Pastor (1996), sua estrutura é formada de um verbo + substantivo constituindo uma colocação.

Provar que é

Provar que é

Var. 1: pelo que deixo dsellar por ser pobre

Var. 3: que e minimamente pobre

Ocorrência no *corpus*: A Nº 2, A Nº 3, A Nº 4, A Nº 5 e A Nº 6

Definição: Ato de estabelecer a verdade por demonstração e aquilo que confirma a veracidade de um fato.

Nota: Esta UF é de alta recorrência nos autos estudados, presente nas custas. Esta fórmula aparece com o intuito de comunicar que não tem condições de arcar com as custas do processo. Sua estrutura é formada de um verbo + (preposição)verbo constituindo uma colocação.

Cont. 1 [...] que Vossa Senhoria lhe atteste se a suplicante paga a Camara algum imposto, pelo que deixo de llar por ser pobre <A Nº 3, L.10-14, fl. 6, p. 106-107>

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações sobre as Unidades Fraseológicas na contemporaneidade são, sem dúvidas, essenciais para que os estudantes da educação básica e da graduação possam conhecer esse fenômeno linguístico, visto que, nem na educação básica e muito menos na graduação temos acesso a tais conhecimentos, é necessário a inserção das Unidades Fraseológicas como disciplina na graduação ou o acréscimo de seus estudos paralelos à outra. Na educação básica é fundamental que o componente curricular de Língua Portuguesa faça uma ressalva a respeito desse objeto de estudo.

As Unidades Fraseológicas são as sentenças fixas que partilhamos socialmente e culturalmente em grupo, permitindo-nos interacionar com as mais variadas informações. Da mesma maneira que, as Unidades Fraseológicas obtidas culturalmente e historicamente são desfrutadas por todos, independente de idade ou classe social, amplia-se de forma natural, funcionando como meio de comunicação.

A língua falada permite-nos desfrutar sobre o que está imerso no tempo e no espaço. É por meio das Unidades Fraseológicas que se permeiam as crenças e as ideologias.

Certificamos que o *corpus* de nossa pesquisa é composto por documentos pertencentes inteiramente à Língua de Especialidade, a jurídica, comprovamos pela sua linguagem, pela esfera de domínio e pelo conteúdo exposto. Por se tratar da esfera jurídica, circunstância que confirmou a importância da organização do glossário das Unidades Fraseológicas, a fim de permitir que estudiosos e pesquisadores de inúmeras áreas e leitores tenham acesso às informações contidas no livro.

Certificamos que os critérios elegidos foram fundamentais para organização das Unidades Fraseológicas, em especial, as colocações. Não obstante, a elaboração do glossário não foi uma tarefa fácil, sendo possível com o uso da ferramenta computacional *AnteConc* e da ficha fraseográfica, os quais foram essenciais para a seleção e a coleta das Unidades Fraseológicas.

Em conclusão, o resultado de nossa dissertação foi o glossário das Unidades Fraseológicas, com a macroestrutura disposta com a finalidade de facilitar o entendimento e a leitura dos autos de defloração constantes no livro *Manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX: Autos de defloração*. O glossário apresenta um total de quarenta e quatro entradas, o *corpus* apresenta mais colocações, porém priorizamos as mais frequentes.

Diante da importância dos estudos sobre as Unidades Fraseológicas, os quais nos fazem pensar em suas relações com o meio e com o outro, a pesquisa nos proporcionou resultados

favoráveis no que concerne às colocações de base verbal da Língua de Especialidade. Com isso, acreditamos, ainda, contribuir para o avanço dos estudos linguísticos no âmbito das Unidades Fraseológicas, para que mais pesquisadores dediquem-se a esta área.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. M. B. e CORREIA, M. (2008). “Terminologia e corpus: relações, métodos e recursos”, TAGNIN, S. E. O. c VALE, Oto Araújo (org.) **Avanços da linguística de corpus no Brasil**. 1a ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, vol. 1, p. 67-94.
- ANTHONY, L. Lawrence Anthony Website (AntConc). Disponível em <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/index.html> Acesso em: 03 jun. 2020.
- AULETE, J. C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Coimbra: Imprensa Nacional, 1974.
- BALLY, C. **Traité de stylistique française**. Paris: Klincksieck, 1951.
- BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, métodos, campo de atuação e de cooperação. In: SEMINÁRIO DO GEL, 39., 1990, Franca. **Anais...** Franca: UNIFRAN, 1991, p. 182-189.
- BARBOSA, A. G. O contexto dos textos coloniais. In: ALKMIM, T. M. (org.). **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 421-431.
- BARRETO, J. R. de O. **Pelos caminhos da separação**: edição semidiplomática e estudo do vocabulário de uma “acção ordinária de desquite” do início do século XX. 2014. 369f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.
- BEVILACQUA, C. R. **A Fraseologia jurídico-ambiental**. 1996. 148f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grandicologia. In: **Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 99 – 155.
- BIDERMAN, M. T. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de filologia e lingüística**. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T.A. Queiroz / Edusp, 1981. p.131-145.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 1998. p.11-20
- BLAIS, E. La phraséologie. Une hypothèse de travail. **Terminologies nouvelles**, n. 10, Bélgica: RINT, 1993. p. 50-56.
- CABRÉ, M. T. **La Terminologia**. Barcelona: Editora Antártida, 1993.
- CORPAS PASTOR, G.; ORTIZ ALVAREZ, M. L. Fraseologia e paremiologia: uma entrevista com Gloria Corpas Pastor. **ReVEL**, vol. 15, n. 29, 2017. Tradução de Ana Carolina Spinelli. Revisão técnica de Gabriel de Ávila Othero. [www.revel.inf.br]
- CORPAS PASTOR, G.; Corrientes actuales de la investigación fraseológica en Europa, **Euskera** – XLVI, 2001.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

DAMIM, C. P. **Proposição de critérios metalexigráficos para avaliação do dicionário escolar**. 2005. 233f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio grande do Sul, 2005.

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA (DRAE). Disponível em: www.rae.es. Acesso em: 10 set. 2020.

DICIONÁRIO DE TERMOS FORENSES. Disponível em: <https://costaadogados.adv.br/dicionario-de-terminos-forenses>. Acesso em: 20 nov. 2020.

DICIO, DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: www.dicio.com.br/designar. Acesso em: 01 dez. 2020

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Versão 3.0. São Paulo: Objetiva, 2009.

DICIONÁRIO JURÍDICO. Disponível em: www.jurisite.com.br/dicionarios/dicionario-juridico. Acesso em: 30 nov. 2020.

FROMM, G. Obras lexicográficas e terminológicas: definições. **Revista Factus**, nº 2, 2002.

FULGÊNCIO, L. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. 2008. 508f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GLOSSÁRIO DE TERMOS JURÍDICOS. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/es/sala-de-imprensa/glossario-de-terminos-juridicos>. Acesso em: 12 nov. 2020.

GOUADEC, D. **Nature et traitement des entités phraséologiques**. Terminologie et phraséologie. Acteurs et aménageurs. Actes du deuxième Université d'Automne en Terminologie. Paris: La Maison du Dictionnaire, 1994. p. 164-193.

JOSINO, A. M. S. **Edição Filológica e estudo fraseológico dos autos de arrematação de Vila de Sobral (1817-1823), volume II**. 2015. 151f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Centro de Humanidades) - Centro de Humanidades: Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza: Ceará, 2015. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Adriana-Marly-Sampaio-Josino.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2020.

KADER, C. C. C.; RICHTER, M.G. Linguística de corpus: possibilidades e avanços. **Instrumento**: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 15, n. 1, jan./jun. 2013

KRIEGER, M. G. Terminologia e seus objetos de investigação. In: X Simposio iberoamericano de terminología (RITerm 2006), 2008, Montevideo. **Actas...** Montevideo, 2008. Disponível em: Grupo TermiLex - UNISINOS. Acesso em: 12 out. 2020.

MEJRI, S. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTÍZ ALVAREZ, Maria Luisa. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012, v. 1, p. 139-156.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

_____. **Gastronomismos linguísticos**: um olhar sobre fraseologia e cultura. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L.; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva (Org.). Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológica. Campinas (SP): Pontes Editores, 2011. p. 249-275.

ORTIZ ÁLVAREZ, M. L. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol comparativo**: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português língua estrangeira. 2000. 344f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada na Área de Ensino/Aprendizagem de Segunda Língua e Língua Estrangeira) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2000.

_____. Traduzir uma expressão idiomática constitui uma mistura de alhos e bugalhos ou um fazer aos troncos e barrancos? **Revista Brasileira de Linguística** – Sociedade Brasileira de Professores de Linguística, São Paulo: Plêiade, ano 27, Vol. 11, nº 1, 2001. p. 163-184.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998.

OLIVEIRA, S. T. **Comparação de fraseologismos franceses em dicionários bilíngues brasileiros**. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

ORSI, V. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S.. (org.). **Ciências da Linguagem**: o fazer científico? Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 163-177.

PAIM, M. M. T.; SFAR, I.; MEJRI, S. (org.) **Nas trilhas da fraseologia**. Salvador: Quarteto, 2018.

PAVEL, S. A fraseologia na língua de especialidade. Metodologia de registro nos vocabulários terminológicos. In: FAULSTICH, E.; ABREU, S. P. de. (org.). **Linguística aplicada à terminologia e à lexicografia**: cooperação internacional: Brasil e Canadá. Tradução de Germana H. P. de S. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 99-132.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar**: o que é, como se lê. Fortaleza: EDUECE, 2009.

_____. La phraséologie en langue de spécialité. Méthodologie de consignation dans les vocabulaires terminologiques. **Terminologies Nouvelles**, 10, Bélgica, RINT, 1993a. p. 67-82.

_____. Vers un méthode de recherche phraséologique de langue de spécialité. **L'Actualité Terminologique**. Ottawa, Secrétariat d'Etat du Canada, v. 26, n. 2. 1993b. p. 9-13.

RUIZ GURILLO, L. 1997. **Aspectos de fraseología teórica española**. (Anejo nº XXIV de la Revista Cuadernos de Filología). Valencia: Servicio de Publicaciones de la Universidad.

SALGADO, A. R. **Estudo de ferramenta computacional de análise de corpora aplicada à terminologia**: Antconc. Moinhos, 2011.

SANROMÁN, Á. I. **A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frasemas, pragmatemas**. 2001, 441f. Tese (Doutorado em ciências da linguagem) - Universidade do Minho, Braga (Portugal), 2001. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/A_Unidade_Lexicografica.pdf. Acesso em: 03 dez. 2019.

SANTOS, A. G. **Working closely with corpora: proposta de ensino de colocações adverbiais em inglês para negócios, sob a luz da linguística de corpos**. 2011, 166f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SANTIAGO, M. S. **Unidades fraseológicas especializadas em tutoriais de ambientes virtuais de aprendizagem**: proposta de um sistema classificatório com base na valência verbal. 2013. 223f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SAUSSURE, F. de **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

TAGNIN, E. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. E. **O jeito que a gente diz**: combinações consagradas em inglês e português. São Paulo: Disal, 2013.

PRETI, D. **Sociolingüística**: os níveis de fala. São Paulo: USP, 2003.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2004.

KLARE, J. Lexicologia e fraseologia no português moderno. In: **Revista de Filologia Românica**, IV. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986. Disponível em: <http://www.ucm.es> Acesso em: 18 out. 2020.

KADER, C. C. C; RICHTER, M. G. Linguística de corpus: possibilidades e avanços. **Instrumento**: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, V. 15, nº 1, jan. / jun. 2013.

WELKER, H. A. **Dicionários** – Uma pequena introdução a lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

XIMENES, E. E. **Estudo filológico e lingüístico das unidades fraseológicas jurídico-criminal da Capitania do Ceará nos séculos XVIII e XIX**. 2009. 414f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

_____. E. E. **Fraseologias jurídicas**: estudo filológico e linguístico do período colonial. Curitiba: Appris, 2013.

ZAVAGLIA, C. **Sistematização crítica de produção científica em lexicografia e lexicologia**. Disponível em:

http://claudiazavaglia.com/Formacao_files/2009_sistematizacao_lexicologia_lexicografa_zavaglia_LD.pdf. Acesso em: 28 jun. 2019.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em ciências da linguagem: Lexicografia. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. (org.). **Ciências da linguagem: o fazer científico?** Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 231-264.

ZULUAGA OSPINA, A. (1980): Introducción al estudio de las expresiones fijas. Frankfurt-amMain, Berna, Cirencester: Peter Lang («Studia Románica et Lingüística», 10). — (2000-2001): «Análisis y traducción de unidades fraseológicas desautomatizadas», **PhiN**, 16. 6783. [www.phin.de]

ZULUAGA OSPINA, A. 2001. Fraseología y conciencia social en Latinoamérica. **Euskera** 2001, 1. 51-72.